



Universidade Federal de Juiz de Fora
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Mariana Mendonça de Mattos

**ARQUITETURA EFÊMERA, CENOGRÁFICA E ARTE EM
INTERVENÇÕES URBANAS**

A arquitetura em forma de manifestação artística para tornar as cidades mais
atrativas

Monografia apresentada à Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade
Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial
para conclusão da disciplina Trabalho de
Conclusão de Curso I.

Orientador: Prof. Carlos Eduardo Ribeiro
Silveira

Juiz de Fora
Julho / 2017

Dedico este trabalho à minha família, em especial a meus pais, Maria Inês e José Marcio, e ao meu irmão Eduardo, pela compreensão e apoio. Ao Frederico, pelo amor, cuidado e atenção. A todos que me acompanharam nesta caminhada, a minha gratidão.

Agradecimentos

Ao Carlos Eduardo Ribeiro, por aceitar o convite em ser meu orientador, por acolher as minhas ideias e sem medir esforços para enxergar o mundo da forma como o vejo. Pela paciência nos momentos em que não me sentia capaz de desenvolver meu trabalho.

Aos meus pais, que sempre me deram todo amor, compreensão e suporte para que eu pudesse me tornar quem eu sou hoje.

A todos os meus colegas da faculdade e aos professores que me acrescentaram conhecimento e vivência, me proporcionando momentos muito importantes para a minha formação intelectual e profissional. Em especial à querida Natalia, que acompanhou de perto toda a minha caminhada da graduação.

Aos meus queridos amigos que me acompanharam na incrível experiência do intercâmbio, sem a qual provavelmente esse trabalho não poderia ter sido desenvolvido.

Às minhas avós, minhas primeiras inspirações para almejar ser uma pessoa melhor. Uma ensinando toda a humildade e simplicidade e outra me iniciando ao conteúdo do mundo da arte.

Ao meu companheiro de vida, toda a minha admiração e carinho, pela paciência e todas as horas de reflexão acerca do trabalho que estava sendo desenvolvido, por todos os livros e pesquisas que me ajudaram ampliar minha visão sobre o mundo, as pessoas e à arte.

À toda equipe da BONIN ARQUITETURA, pela oportunidade e pelos ensinamentos do cotidiano da profissão.

“A Arquitetura pretende transcender a simples necessidade de abrigo e segurança, tornando-se uma expressão de arte.”

PRITZKER.

Resumo

Não há dúvida que o ser humano se deixa modificar e influenciar pelo meio em que vive. O presente é fruto de ações humanas passadas, que moldaram todas as coisas e se mostram tais como estão, o futuro suscitará da mesma forma. Os homens tem o poder de gerar o progresso e a evolução de todas as coisas. A Arquitetura e o Urbanismo tem papel fundamental no processo de formação de um indivíduo, tal como é um canal essencial onde a compreensão de realidade é fundada e se mostra para todos. Atuar sobre a arquitetura, significa agir diretamente nas diretrizes de desenvolvimento de uma pessoa e logo de toda a sociedade, assim, quando moldamos as cidades, estamos moldando cidadãos. A proposta central do presente trabalho é a abordagem e análise do uso do espaço urbano para a produção de intervenções artísticas, reivindicando a cidade como espaço para a arte, com as atenções voltadas para as pessoas e o desenvolvimento das sociedades. Através da combinação do uso dos espaços públicos e da fenomenologia, pretendesse produzir experiências que resultem uma reação reflexiva imediata do espectador, fazendo-o pensar sobretudo no seu papel como um construtor do espaço em que ele próprio está inserido. O uso da arte se dá, por ser uma linguagem que é universal a todos os humanos, sensibilizando as pessoas de forma a conecta-las intimamente com o meio em que vivem e na consequência das ações por elas produzidas a esse meio.

Palavras-chave

Intervenções artísticas. Fenomenologia. Sensibilização.

Lista de Imagens

Figura 1: Estacionamento em San Diego.....	22
Figura 2: Projeto de ocupação do terreno.....	23
Figura 3: Projeto Finalizado.....	24
Figura 4: Banner de divulgação do concurso Hackathon Paulista.....	24
Figura 5: Mural do Grupo Muda Sob o Minhocão em São Paulo.....	26
Figura 6: Mural do Grupo Muda na Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro.....	26
Figura 7: Intervenção do Grupo Basurama no Anhangabaú em São Paulo.....	27
Figura 8: Mobilidade Urbana em Helsinque.....	29
Figura 9: Mobilidade Urbana em Helsinque.....	29
Figura 10: Grande área para pedestres em Copenhagen.....	30
Figura 11: Drive-in para bicicletas.....	31
Figura 12: Plano de projeto da Rede Verde em Hamburgo.....	31
Figura 13: Sinalização nas ruas de Hamburgo.....	32
Figura 14: Parque em Hamburgo.....	32
Figura 15: Estacionamento de bicicletas em Amsterdam.....	33
Figura 16: Ruas de Veneza	35
Figura 17: Placa no bairro do condado de Miami Dade.....	35
Figura 18: Ciclofaixa na rua Marechal Floriano em Curitiba.....	36
Figura 19: Intervenção feita por Laura Marte na cidade de Barcelona.....	40
Figura 20: Intervenção feita por Laura Marte na cidade de Barcelona.....	41

Figura 21: Exterior da Adega Dominus, California.....	46
Figura 22: Loja da Prada em Tokyo.....	47
Figura 23: Croqui do projeto “Wrapped Reichstag”, Christo e Jeanne Claude.....	52
Figura 24: Foto da intervenção “Wrapped Reichstag”, Christo e Jeanne Claude.....	52
Figura 25: Croqui do projeto “The Gates”, Christo e Jeanne Claude.....	53
Figura 26: Croqui do projeto “The Gates”, Christo e Jeanne Claude.....	53
Figura 27: Foto do projeto “The Gates”, Christo e Jeanne Claude.....	54
Figura 28: Foto aérea do projeto “The Gates”, Christo e Jeanne Claude.....	54
Figura 29: Croqui do projeto “The Floating Piers”, Christo e Jeanne Claude.....	55
Figura 30: Foto do projeto “The Floating Piers”, Christo e Jeanne Claude.....	55
Figura 31: Foto aérea do projeto “The Floating Piers”, Christo e Jeanne Claude.....	56
Figura 32: Imagem do pavilhão de Oscar Niemeyer para o The Serpentine Gallerie...57	
Figura 33: Instalação no Serpetine Summer Houses, Bjarke Ingels.....	57
Figura 34: Instalação no Serpetine Summer Houses, Bjarke Ingels.....	58
Figura 35: Pavilhão de Bjarke Ingels instalado permanentemente em Vancouver.....	58
Figura 36: Instalação no Serpetine Summer Houses, Kunlé Adeyemi.....	59
Figura 37: Escadaria Selaron, Rio de Janeiro.....	60
Figura 38: East Side Gallery, Berlim.....	61
Figura 39: Gueto Africano, Berlim.....	61
Figura 40: Grafite de Crânio em São Paulo.....	62
Figura 41: Grafite de Kobra, São Paulo.....	63
Figura 42: Projeção em edifício, Sugarland, Texas.....	63

Figura 43: Projeções no Foro Romano, Roma.....	64
Figura 44: Projeções no Foro Romano, Roma.....	64
Figura 45: Instalação “The Cloud”, Sou Fujimoto.....	67
Figura 46: Instalação “The Cloud”, Sou Fujimoto.....	67
Figura 47: Vista aérea da intervenção Huellas Artes, em Santiago.....	68
Figura 48: Pessoas se apropriando do espaço.....	69
Figura 49: Panorama geral da intervenção.....	69
Figura 50: Intervenção “Chuva Verão”	71
Figura 51: Intervenção “Chuva Verão”	71
Figura 52: Foto das pessoas participando da intervenção.....	72
Figura 53: Foto das pessoas participando da intervenção.....	73
Figura 54: Foto da intervenção no casario antigo do Adro.....	74
Figura 55: Cartaz improvisado do evento.....	74
Figura 56: Pessoas participando do evento Entre Olhares.....	75
Figura 57: Imagem da passarela feita para pedestres no viaduto em Jundiaí.....	76
Figura 58: Imagem da passarela feita para pedestres no viaduto em Jundiaí.....	76

Sumário

Introdução	11
1. Situação Urbana atual	13
1.1. O papel esquecido das cidades.....	14
1.2. Ideais que influenciaram na formação das cidades.....	16
1.3. Relação hoje estabelecida entre pessoas - cidade.....	19
1.4. Segregação econômica, marginalização, segurança e saúde nas cidades ...	20
1.5. Novos conceitos para novas necessidades	20
1.5.1. Urbanismo tático	21
1.5.2. Caminhabilidade	27
1.5.3. Cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis	34
1.5.4. A cidade como lugar de encontro	36
1.5.5. Amabilidade Urbana	37
1.5.6. Urbanidade.....	38
1.5.7. Urbanismo cotidiano	39
1.5.8. Cidade Ocasional.....	39
2. Fenomenologia.....	42
2.1. O que é a fenomenologia.....	42
2.2. A Imaginação criadora de Jung e Bachelard	44
2.3. Fenomenologia e Arquitetura e Urbanismo.....	45
3. Arte e Arquitetura	50
3.1. O poder da linguagem artística.....	50
3.2. Formas de manifestação artística na arquitetura.....	50
3.2.1 Land Art	50
3.2.2 Pavilhões	56
3.2.3 Street Art/Grafite	59
3.2.4 Projeções	63
3.2.5 Intervenções e Instalações temporárias	65
4. Sensibilização.....	78

4.1. Sensibilização pela arte	79
4.2. Como agir diretamente na vida das pessoas	80
Conclusão	83
Bibliografia.....	84

Introdução

O tema abordado neste trabalho é a relação das pessoas no meio urbano. A partir desta problemática, usar de intervenções artísticas efêmeras e dos conceitos filosóficos de fenomenologia para reivindicar a cidade como um lugar de encontro.

A proposta dessas ações é provocar uma auto-reflexão (sensibilização) nos espectadores, de forma que esta possibilite aos indivíduos encontrarem seus verdadeiros interesses, promover sua autonomia. Tais experiências levam a ruptura de padrões e estilos de vida e, se devidamente aproveitados podem ser valiosas para o desenvolvimento de novos patamares de consciência, conhecimento e ação, que poderão levar a caminhos inovadores.

Nesse panorama, usar a cidade como suporte, se torna ferramenta essencial para o desenvolvimento humano através de ações artísticas nos espaços públicos. A arte, nessas circunstâncias, atua como agente facilitador que cria condições para o diálogo entre pessoas, desenvolvendo a conscientização, ou seja, o saber sobre si mesmo e sobre a coletividade. E ainda fomenta respostas criativas através de questionamentos, ou ainda vislumbra a novos ideais mostrando novas possibilidades de existência e reavaliando limites.

Este trabalho é composto por quatro capítulos, descritos abaixo:

Capítulo 1 - *Situação Urbana Atual*. Panorama breve de como as cidades foram ocupadas ao longo dos anos e de que forma as pessoas foram se relacionando com as mesmas. Introdução de breves conceitos que estão sendo utilizados para a nova necessidade de pensamento urbanístico.

Capítulo 2 - *Fenomenologia*. O intuito deste capítulo é fazer uma breve introdução aos conceitos de fenomenologia e como esses podem ser incorporados à Arquitetura e ao Urbanismo. A fenomenologia consiste em estudar um fenômeno, sem interferências de outras observações, permitindo o isolamento do que se é visto em sua própria essência, revelando-o desnudo. No contexto do presente trabalho, analisaremos as relações que o homem vive no seu cotidiano com os outros homens

e com o espaço em torno dele. Mostraremos como através da fenomenologia as coisas podem sair da banalização, serem re-significadas ou percebidas em sua parte essencial, fazendo as pessoas pairarem acima da vulgaridade das coisas, abandonando indiferença do dia a dia, fazendo algo saltar aos olhos.

Capítulo 3 - *Arte e Arquitetura*. A arte neste presente estudo é abordada em junção com a Arquitetura como uma linguagem universal, que tem a capacidade de revelar algo ao sensível do observador através da utilização plástica do espaço urbano por ações artísticas. A arte tem a faculdade de proporcionar aos seres humanos contato direto com o sublime e com a intangibilidade através da tradução plástica da representação da emocionalidade humana por emoções universais, facilitando assim, o estabelecimento de um laço intimista entre pessoas e cidade, de forma lúdica e leve, mas ao mesmo tempo crítica e reflexiva da própria condição em que indivíduos e Urbanismo relacionam-se.

Deste modo, pretende-se usar a arte como um meio para mudar a percepção e relação que se tem com uma construção ou paisagem do meio urbano.

Capítulo 4 - *Sensibilização*. Pretende-se algo que atinja - sensibilize - os indivíduos, ao ponto que através de um auto processo cada qual possa encontrar seus verdadeiros interesses na sociedade, promovendo assim a autonomia individual e conseqüentemente o avanço coletivo. O possível progresso desencadeado por ações desse caráter abarca a força de levar a sociedade a novos patamares de consciência, de conhecimento e de ação, retro-alimentando esse mesmo ciclo e dessa forma conectando as pessoas cada vez mais intimamente ao meio que vivem.

1. Situação Urbana atual/ Espaço

Estudos mais recentes procuram abordar a Cidade a partir de uma perspectiva mais complexa. Uma formação urbana ou um aglomerado humano, para ser mais adequadamente chamada de “cidade”, deveria apresentar um certo conjunto de aspectos. Alguns descrevem a cidade como uma estrutura material e conceitual, com um dimensionamento e dinâmica próprios, que estrutura aglomerações populacionais, conferindo-lhes um sentido, uma função e uma finalidade.

Mas aqui nesse presente estudo não nos interessa definições meramente formais, mas sim aspectos que realmente identificam as nossas cidades.

O pavilhão israelense na Bienal de Arquitetura de Veneza¹ de 2000, por exemplo, deu a seguinte definição de cidade: “A cidade é um habitat humano que permite com que pessoas formem relações umas com as outras em diferentes níveis de intimidade, enquanto permanecem inteiramente anônimos.”²

Na cidade, entendida assim, cada uma das manifestações do espaço privado (as residências, por exemplo) têm livre acesso aos demais espaços comuns da cidade. Desta forma, é na cidade que se efetivam as diferentes relações de intimidade entre os vários indivíduos e grupos (tal qual coloca a afirmação exposta na Bienal de Veneza). Por este motivo, diversos estudiosos ao longo da história viram na cidade não só uma das mais perfeitas invenções humanas como o ambiente propício à criação e ao desenvolvimento humano.

A cidade como conhecemos hoje teve o planejamento (ou a falta dele) e o seu desenvolvimento apoiados na negligência à dimensão humana. A cultura do automóvel, a especulação imobiliária, o descaso com a paisagem urbana, com o meio ambiente e

¹ A Bienal de Arquitetura de Veneza (em italiano: Mostra di Architettura di Venezia), foi estabelecida em 1980, embora arquitetura tenha sido parte da bienal de artes desde 1968.

Abordando o lado acadêmico da arquitetura, a bienal é também uma ocasião onde nomes de destaque em arquitetura e projeto podem mostrar suas novas criações, organizadas em diferentes pavilhões, cada qual com diferentes temas.

² Disponível em: http://www.academia.edu/6236245/Conceito_e_formacao_das_cidades_Texto_1

com o patrimônio são um dos itens que caracterizaram durante muitas décadas o modelo de urbanização vigente nas cidades.

A crescente necessidade por mudanças levaram a novos conceitos e modos de ver e estabelecer relações entre as pessoas e cidade. Atualmente, uma corrente de pensamento que permeia as questões urbanas, visam a recomposição da vida social no espaço público e a rua como extensão das casas das pessoas. Dando, assim, um novo aspecto e função às cidades, de encontro, respeito, diversidade e cultura. Retomando a escala humana que foi perdida.

1.1. O papel esquecido das cidades

No passado, as cidades eram os lugares onde encontrar segurança e proteção. Os espaços urbanos, cercados por fossos e muros, eram construídos para proteger os cidadãos dos inimigos externos. Logo depois, a cidade passou a ter outro significado para as pessoas, e foram desenvolvendo sentimentos muito ligados à rua em que moravam, e sua vizinhança. A rua é parte do nosso universo cotidiano, tem um significado muito grande em nossa vida. Nossas memórias e lembranças têm vínculos com a rua em que moramos, e conseqüentemente com a cidade. No passado, a rua era o lugar de encontro entre vizinhos, nos dias atuais, a rua vem se tornando o lugar do medo, da restrição, pois nos tornamos prisioneiros do outro lado.

As cidades transformaram-se, pouco a pouco, em cenário de perigos e insegurança. O pluralismo e a diversidade, que caracterizam a vida no meio urbano, oferecem várias oportunidades, mas também proporcionam uma constante sensação de medo e incerteza. A cidade se torna, assim, atrativa e ameaçadora.

Diante desta nova condição, as cidades de hoje são construídas com o objetivo de proteger cidadãos dos supostos inimigos internos - não mais a proteção quase que militar contra ataques de inimigos externos quando construídas as muralhas das cidades antigas. Nesse novo contexto, as cidades foram desenvolvendo novas maneiras de se construir, então hoje multiplicam-se os que Bauman³ chama de

³ Zygmunt Bauman foi um sociólogo polonês, professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia.

“guetos voluntários”⁴, ou seja, espaços fechados e condomínios vigiados para abrigar, separar e isolar determinados grupos sociais dos demais. Desta forma – diz o sociólogo polonês – “os lares de muitas áreas urbanas de todo o mundo agora existem para proteger seus habitantes, não para integrar as pessoas com suas comunidades”⁵. As cidades são planejadas para separar, não para criar elos de ligação, elas visam desintegrar antes que integrar os seus moradores.

Este fenômeno que tem acontecido nas cidades tem gerado uma perda enorme para todos os usuários das mesmas. Ao passo que em décadas passadas, a rua tinha um lugar lúdico para todos, era a passarela de todas as brincadeiras dos moradores, e até mesmo das atividades de encontro entre vizinhos, hoje, assumem porém outro papel, que foi moldado diante dos novos papéis e da nova configuração que a cidade foi assumindo. Com o seu crescimento, concomitantemente, aumentou o número de veículos em grande proporção. Em repercussão a esse acontecimento, as casas tornaram-se, cada vez mais, uma “prisão”, com muros elevados, cercas elétricas e outros mecanismos de defesa para dar um sentido de segurança. Se por um lado, este aparato deu algum tipo de segurança, por outro, a rua foi se esvaziando de um contexto e de um conteúdo, o uso por parte dos moradores foi desaparecendo, predominando o medo e a angústia de quem pode ser abordado ou assaltado a qualquer momento. Essa é a realidade hoje das nossas cidades, muito distante do que um dia já foi.

As ruas da cidade contemporânea são símbolo exclusivo das residências isoladas com o meio externo, do trânsito de veículos e do sinônimo do perigo. A má qualidade do pavimento, a irregularidade das calçadas, a falta de arborização, a insegurança, a má dimensão para a escala dos pedestres, a falta de atrativo para quem caminha, deixa claro que inevitavelmente a rua perdeu o seu encanto. Foram, ao longo dos anos, negligenciado o fato de que cada rua tem uma história rica e interessante, não apenas de como surgiu fisicamente no projeto da cidade, mas a partir da história de seus personagens que foram agregando toda uma simbologia.

⁴ Os guetos voluntários formados pela camada superior são encontrados nos condomínios fechados construídos em áreas nobres da cidade ou, como é a tendência, organizados em áreas distantes do caos encontrado dentro da cidade. Por outra via, os guetos involuntários formados pela camada inferior não são planejados, estruturados, muito menos afastados do caos urbano.

⁵ cf. Tempos Líquidos

Pensar na cidade como um organismo vivo é simples, pois assim como o ser humano nasce, cresce e perece, a cidade, pelo contrário, nasce, cresce e se desenvolve, estão sempre sendo agregados novos personagens e contextos, que vão acrescentando a ela outros enredos, significâncias e características.

As ruas estão cada vez mais distantes, e não é complexo descobrir as causas de significativa transformação. Vivemos em uma sociedade do medo e do isolamento, a rua é apenas o lugar da passagem, não mais do encontro, e a vida em sociedade é construída com base no encontro. O slogan da primeira década do milênio promovido pelo Ministério das Cidades e pela cruzada do Plano Diretor⁶ era “a cidade é de todos”, na realidade nos leva a refletir sobre a rua, que não é mais de todos, mas somente da transgressão e dos veículos.

Em nosso contexto atual é difícil se pensar em como retomar a rua como lugar de encontro, tendo em vista que, quem domina a paisagem são os carros. Até mesmo as novas edificações são feitas se isolando da cidade. É preciso resgatar os vínculos de identidade da rua com o lugar, com o bairro e principalmente com as pessoas.

1.2. Ideais que influenciaram a formação das cidades

Para se falar na formação das cidades, é preciso entender um pouco sobre a noção que urbanismo assumiu com o passar do tempo, desde antes da criação do termo, com os pensamentos de Howard⁷ e Fourier⁸, passando pela concepção do Urbanismo Moderno, até os dias atuais.

A sociedade em que vivemos se tornou urbana a partir do final do século XIX, no período de pós-revolução industrial. Foi nesse momento em que os problemas urbanos começaram a se acentuar junto ao aumento da população na cidade, que

⁶ O Plano Diretor está definido no Estatuto das Cidades como instrumento básico para orientar a política de desenvolvimento e de ordenamento da expansão urbana do município. É uma lei municipal elaborada pela prefeitura com a participação da Câmara Municipal e da sociedade civil que visa estabelecer e organizar o crescimento, o funcionamento, o planejamento territorial da cidade e orientar as prioridades de investimentos.

⁷ Sir Ebenezer Howard, foi um pré-urbanista inglês; tornou-se conhecido por sua publicação Cidades-jardins de Amanhã, de 1898, na qual descreveu uma cidade utópica em que pessoas viviam harmonicamente juntas com a natureza.

⁸ François Marie Charles Fourier foi um socialista francês da primeira parte do século XIX, um dos pais do cooperativismo.

migrava em êxodo rural, em busca de oportunidades de trabalho e qualidade de vida. A partir daí várias cidades cresceram em tamanho e população e se transformaram em metrópoles, ultrapassando seus limites territoriais formando conurbações.⁹

Em resposta a esses acontecimentos, surgem propostas com uma conotação científica, e também se criam modelos de desenvolvimento urbano para as cidades, muitos deles utópicos, que nasceram com a finalidade de se organizar os espaços da cidade, os seus territórios, suas diversas atividades. Neste contexto é que surge o Urbanismo.

A partir do século XIX surgiram vários modelos de desenvolvimento urbano, em busca de solução para os problemas decorrentes do grande processo de urbanização das cidades europeias, na tentativa de se criar a cidade ideal, tidos como teorias, que se tornaram utópicas, como por exemplo as ideias de Fourier, com o falanstério, de Howard que idealizava a Cidade-jardim, e de Tony Garnier¹⁰, com a teoria da cidade industrial. Nesse contexto do grande crescimento populacional nas cidades europeias, houve então uma grande discussão em diversas áreas do conhecimento na busca por soluções para estes chamados “problemas urbanos”. Naquela momento, da revolução industrial, dos movimentos sociais e dos racionalismos que surgiam, ainda não se tinha um conceito de Urbanismo aprimorado, e nem o mesmo era considerado como uma área do conhecimento ou ciência de organização dos espaços urbanos, o que só acontece alguns anos depois, no início do século XX.

Alfred Agache¹¹, um arquiteto, se autodenomina como criador do termo, e conceitua o Urbanismo como:

“Uma ciência, e uma arte e, sobretudo uma filosofia social. Entende-se por urbanismo, o conjunto de regras aplicadas ao melhoramento das edificações, do arruamento, da circulação e do descongestionamento das artérias públicas. É a remodelação, a extensão e o embelezamento de uma cidade,

⁹ Conurbação é a unificação da mancha urbana de duas ou mais cidades, em consequência de seu crescimento geográfico. Geralmente esse processo dá origem à formação de regiões metropolitanas.

¹⁰ Tony Garnier foi um arquiteto e urbanista francês que, em 1904, elaborou um projeto de cidade para Lyon, como Trabalho de Conclusão de Curso.

¹¹ Alfred Hubert Donat Agache, mais conhecido como *Alfred Agache*, foi um arquiteto francês, melhor conhecido por ter planejado a urbanização de cidades brasileiras como Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre e Curitiba nas décadas de 1940 e 1950 em um amplo projeto financiado pela ditadura de Getúlio Vargas e em função do fim deste regime, em 1945, muito do que foi proposto por Agache não veio a acontecer. Agache foi também um dos fundadores da Sociedade Francesa de Urbanistas.

levados a efeito, mediante um estudo metódico da geografia humana e da topografia urbana sem descuidar as soluções financeiras".¹²

De acordo com o conceito de Agache, é possível perceber que o Urbanismo teve, de início, uma preocupação com a estética de acordo com os valores predominantes da sociedade. Se colocava também de maneira que favorecesse o modo de vida coletivo na cidade mas sem deixar claro o poder das instituições.

Observa-se que houve grandes discussões técnico-científicas sobre o Urbanismo nos CIAMs¹³ e outros congressos internacionais realizados na primeira metade do século XX, quando foram discutidos muitos dos postulados básicos, seguidos posteriormente por muitos planejadores em diversas partes do mundo.

Em 1933, no CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna – realizado em Atenas, se estabeleceram os princípios do “Urbanismo Moderno”, e se produziu um documento que ficou conhecido como A Carta de Atenas. Este documento é fruto das reuniões do CIAM, se tornou referência para muitos urbanistas por muitos anos, e tinha forte influência da corrente francesa, principalmente das ideias funcionalistas de Le Corbusier.

As funções instituídas pela Carta de Atenas¹⁴ eram “Habitar, Circular, Trabalhar, Cultivar o corpo e o espírito”, dando uma ideia da forma de se pensar a cidade do século XX, após a 2ª Guerra Mundial, quando muitas cidade foram destruídas e houve a necessidade de sua reconstrução. Sob esta visão teórica, a cidade é vista como um objeto técnico, determinado e exato,¹⁵ sem uma atenção maior para as questões sociais, históricas e culturais que permeiam o espaço urbano.

O Urbanismo, a partir da época Modernismo, entre os anos 1930 e 1940, foi estudado e praticado de acordo com o intuito dos arquitetos em se inserir nos problemas urbanos, numa tentativa de desarticular o discurso arquitetônico (das obras de arte) para o campo urbanístico. Mas ficou evidente que os modernistas estavam

¹² AGACHE, 1931

¹³ Os Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna constituíram uma organização e uma série de eventos organizados pelos principais nomes da arquitetura moderna internacional a fim de discutir os rumos a seguir nos vários domínios da arquitetura (Paisagismo, Urbanismo, Exteriores, Interiores, Equipamentos, Utensílios, entre outros).

¹⁴ A Carta de Atenas é o manifesto urbanístico resultante do IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, realizado em Atenas em 1933.

¹⁵ LE CORBUSIER, 1992

mais preocupados com o caráter multidisciplinar na análise dos problemas urbanos do que em busca de soluções sobre os problemas reais.

A partir dos anos 50, surge uma necessidade de renovação urbana nas cidades no pós-guerra, houve também uma explosão de ideias e doutrinas teóricas acerca do urbanismo, que passava então a ser centro das atenções de arquitetos, engenheiros, geógrafos, sociólogos, historiadores, filósofos e escritores, como uma ciência. Surgiram então o desenvolvimento um caráter mais crítico sobre os problemas urbanos, com grande contribuição teórica de várias áreas do conhecimento.

Alguns autores tentam definir o Urbanismo como algo que não é ciência, nem arte, mas que compreende tudo que diz respeito à vida social do homem, como indivíduo isolado e como parte da coletividade e que o mesmo é multidisciplinar, e por haver essa diversidade de campos, exige que vários profissionais trabalhem em conjunto, a fim de se chegar a uma solução não fragmentada ou que deixe de abordar alguma questão específica, de modo que o conjunto das soluções parciais conduza a uma solução complexa satisfatória. Outrora, muitas vezes se coloca o termo como uma técnica de planejamento urbano, stricto sensu, que visa disciplinar e/ou ordenar o crescimento da cidade em decorrência do processo de urbanização, atendendo à demanda crescente por infra-estrutura, serviços e abastecimento, visando assim melhorar a qualidade de vida da população urbana, e a concretização desta oferta de infra-estrutura, a urbanificação, seria a medida de intervenção no espaço urbano, que deveria atingir principalmente as camadas mais carentes da sociedade.

1.3 Relação hoje estabelecida entre pessoas-cidade

É notável hoje como a aceleração da vida contemporânea dita o ritmo e a profundidade da interação das pessoas, não só com a cidade em que vivem, mas também no seu meio sócio cultural, com outras pessoas. Essa condição da rotina das pessoas, na correria do dia a dia, de alguma forma alteram os traços que dão característica física e psicológica ao espaço público, dando um aspecto de hostilidade, individualismo e de relações superficiais.

Essa interação pessoas- cidade funciona dessa forma, uma moldando e interferindo na configuração da outra. Nada existe sem troca, sem aproximação e sem proximidade. O espaço urbano, nesse sentido, é o meio propiciador para essas trocas

acontecerem, aonde as diferenças são reunidas. Suas ruas, praças e parques são aonde essas trocas acontecem.

Do mesmo modo que as pessoas moldam as cidades e os espaços públicos dessa maneira, a cidade pode também moldar o indivíduo dessa forma. As intervenções efêmeras agem nessa esfera, do modo a proporcionar as pessoas uma nova forma de engajamento com a cidade, moldando laços mais motivadores, e por consequências mais saudáveis. As intervenções temporárias (como serão explicadas posteriormente) funcionam como catalizadoras de relações de proximidade e intimidade.

1.4. Segregação econômica, marginalização, segurança e saúde nas cidades

Esses problemas inerentes à maioria das cidades se torna nesse contexto do mundo globalizado, um problema extremamente social.

Medidas visando o cunho político e econômico espalham pelas cidades problemas difíceis de serem resolvidos, e que são “empurrados” para a responsabilidades de órgãos públicos diferentes.

1.5. Novos conceitos para novas necessidades

O urbanismo surgiu como resposta ao aumento da população nas cidades e à ambição de projetar a cidade como um macro-organismo controlável. Nessa perspectiva, foi compreendido tradicionalmente como uma disciplina pela qual arquitetos uniam-se ao poder público para traçar planos de crescimento ordenado para os aglomerados humanos.

Por muitos anos, o ato de projetar a cidade foi entendido e aplicado como uma fórmula matemática, seguindo regras preestabelecidas e negligenciando as necessidades humanas reais.

E somente hoje, diante de uma iminência do caos urbano e ambiental em que vivemos, surgem novas correntes de pensamentos, em que cada vez mais os cidadãos participam da vida nas cidades, na tentativa de sanar demandas crescentes que o poder público não consegue resolver. Mais que isso, implementar iniciativas que

resgatem o convívio, a vida em comunidade e o respeito às diferenças, resgatando o papel esquecido das cidades.

Abaixo estão conceituados e exemplificados alguns dos novos conceitos sobre urbanismo e, principalmente, sobre o resgate da humanização das cidades.

1.5.1. Urbanismo Tático

O urbanismo tático corresponde às intervenções que combinam planejamento a longo prazo com estratégias de transformação rápidas e baratas que permitem experimentar mudanças na cidade por um período determinado, utilizando de projetos rápidos, pequenos ou temporários para demonstrar a possibilidade e o potencial de mudanças em larga escala e a longo prazo.

Esse tipo de intervenção vem sendo utilizado como uma fórmula eficaz para pôr boas ideias em prática, e pode ser uma ferramenta para estimular o exercício da cidadania sobre temas de impacto positivo na qualidade de vida das pessoas.

Com o urbanismo tático é possível recuperar, em um período curto de tempo, certos lugares degradados das cidades sem a necessidade de grandes investimentos econômicos. Mas, mesmo com esse caráter, essas táticas permitem que se desenvolva um sentido de comunidade e colaboração entre os vizinhos de um determinado lugar. Também promove um espaço de opinião onde as pessoas podem expressar seus desejos em relação à cidade e trabalhar no desenvolvimento de suas ideias para concretizar esses desejos.

Essas intervenções urbanas também permitem criar identificação com a cidade e que os cidadãos com interesses em comum se encontrem. Ao atribuir novos sentidos para os lugares a partir de mudanças rápidas, o urbanismo tático cria cidades mais amigáveis aos moradores e, muitas vezes, motiva as pessoas a repensarem seus hábitos por meio dos diferentes encontros e trocas que esses espaços possibilitam.

O movimento é internacional, surgiu no anos de 1990, e se popularizou nos Estados Unidos em 2010, quando foi usado em um debate sobre a pedestrianização

da Times Square em Nova Iorque¹⁶. Um projeto com grande repercussão, que gerou vários debates e estranhamento da população, mas que hoje em dia serve como exemplo para várias outras cidades pelo mundo.

Essa temática, inclusive, já começa a fazer parte da grade curricular de escolas e universidade de alguns países, como Estados Unidos e Austrália.

Em todo o mundo existem vários casos que, diante das necessidades da população, buscaram soluções a partir de intervenções feitas com materiais econômicos e de rápida implementação.

San Diego e Nova Iorque - Estados Unidos

Em San Diego, nos Estados Unidos, foi implementado um projeto que visa a ocupação dos espaços urbanos. O proprietário de um terreno cedeu o espaço que funcionava como um estacionamento para uma instalação temporária.

Figura 1: Estacionamento em San Diego



Fonte: <http://sandiego.urbanistguide.com/blog/rad-labs-kickstarter-will-give-you-an-urban-park-and-dog-park-downtown/>. Acesso: 28/04/2017.

¹⁶ Em 2009, Michael Bloomberg, ex-prefeito de Nova York, fechou parte da Avenida Broadway para os carros e instalou praças temporárias com o objetivo de aumentar a segurança para os pedestres e diminuir o congestionamento de veículos.

A organização do projeto – um escritório de arquitetos e designers chamado RAD¹⁷ - consultou as pessoas para saber o que elas gostariam de ver naquela área. No local aonde seria implantado o futuro projeto, instalaram um mural, e ali a população escrevia em papezinhos suas ideias e seus desejos, expondo o que desejam para aquela área.

Figura 2 – Projeto de ocupação do terreno



Fonte: <http://sandiego.urbanistguide.com/blog/rad-labs-kickstarter-will-give-you-an-urban-park-and-dog-park-downtown/>. Acesso: 28/04/2017.

Este projeto nos deixa como ensinamento que lugares sem vida como um simples estacionamento, podem ser transformados em espaços públicos de convivência e lazer, e desse modo levando mais felicidade e qualidade de vida para as pessoas. Esse tipo de iniciativa faz realmente a diferença nas cidades.

¹⁷ RAD LAB é formado pelos estudantes granduandos na NewSchool of Architecture + Design. Philip Auchettl, David Loewenstein, Jason Grauten, e Adam Jubela, liderados por um time executivo.

Figura 3: Projeto Finalizado



Fonte:<http://sandiego.urbanistguide.com/blog/rad-labs-kickstarter-will-give-you-an-urban-park-and-dog-park-downtown/>. Acesso: 28/04/2017.

São Paulo

Trazendo para o cenário brasileiro, a incubadora São Paulo Lab¹⁸ lançou a iniciativa 'Hackathon Paulista'. O objetivo era engajar os cidadãos na concepção e construção de mobiliários urbanos portáteis para todos aproveitarem a Paulista Aberta e outros espaços públicos da cidade.

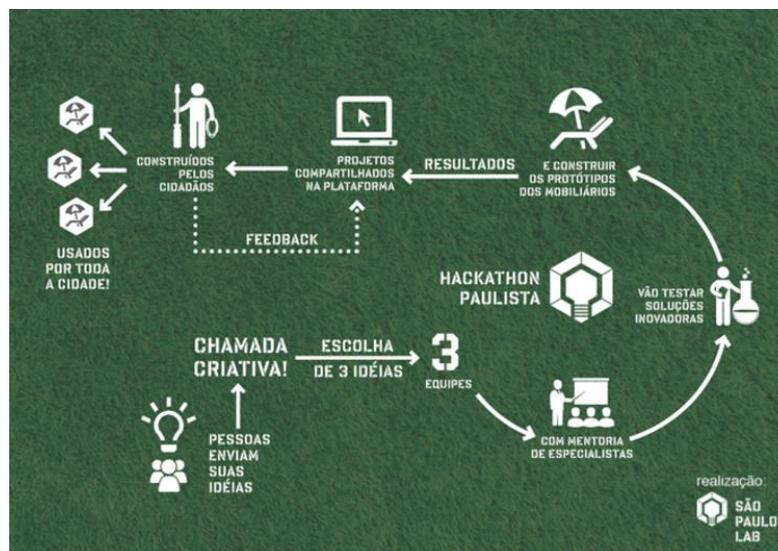
A crescente atuação de cidadãos para enfrentar os desafios urbanos de São Paulo como a convivência no espaço público, crise da água, agricultura urbana, reciclagem, entre outros, deixa claro que não se deve esperar que as soluções venham apenas do poder público. É preciso incentivar que a transformação da cidade seja cada vez mais participativa e coletiva, porque ao construir soluções juntos, pode exercer uma cidadania ativa.

Muitos desses espaços, independentemente de sua relevância e uso, são desprovidos de mobiliário e equipamentos urbanos de qualidade. Outros como as ruas

¹⁸ O São Paulo Lab é uma incubadora de inovações cidadãs e um ponto de encontro que conecta as pessoas com projetos comuns para materializar e compartilhar. Organizamos ciclos de incubação e maratonas coletivas de design, experimentação e prototipação de soluções inovadoras para os desafios urbanos. O objetivo é criar soluções que possam ser replicadas e implementadas pelos próprios cidadãos em suas comunidades.

de lazer, a Avenida Paulista e o Minhocão, abertos a pedestres aos domingos, tem um uso temporário e não podem ter mobiliários fixos.

Figura 4: Banner de divulgação do concurso Hackathon Paulista



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/778648/hackathon-paulista-construcao-colaborativa-de-mobiliarios-urbanos-para-sao-paulo>. Acesso: 29/04/2017

A inspiração para esse processo duração rápida (uma semana) vem dos "hackathons"¹⁹. No caso do Hackathon Paulista os participantes trabalharam coletivamente para encontrar soluções inovadoras de design e assim garantir a qualidade e durabilidade dos mobiliários portáteis.

Ao final do Hackathon Paulista os projetos detalhados dos mobiliários, além de manuais e vídeos de como montar, foram compartilhados gratuitamente.

Rio de Janeiro e São Paulo

Um exemplo desse tipo de prática hoje no Rio de Janeiro são as intervenções do Coletivo Muda. Em atividade desde 2011, o grupo formado por designers criam murais que carregam diversas memórias. “Desde a herança portuguesa até os painéis de azulejos dos grandes muralistas brasileiros”, segundo os integrantes.

¹⁹ O Hackathon é um evento que reúne programadores, designers e outros profissionais ligados ao desenvolvimento de software para uma maratona de programação, cujo objetivo é desenvolver um software que atenda a um fim específico ou projetos livres que sejam inovadores e utilizáveis.

Figura 5: Mural do Grupo Muda Sob o Minhocão em São Paulo



Fonte: <https://mudablog.wordpress.com/tag/coletivo-muda/page/6/>. Acesso: 29/04/2017.

Pela imagem conectada ao modernismo, o Muda criou um canal direto entre paisagem e moradores. “Nossos painéis se espalham pela cidade, ativando a percepção dos transeuntes e fazendo com que a paisagem urbana se torne mais presente no dia a dia da população”, dizem. Deste modo, locais degradados ganham beleza e visibilidade.

Figura 6: Mural do Grupo Muda na Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro



Fonte: <https://mudablog.wordpress.com/tag/coletivo-muda/page/6/>. Acesso: 29/04/2017.

Com iniciativas como o Parque de Balanços no Anhangabaú, o Basurama leva aos moradores das cidades uma nova noção de vida em grupo.

Figura 7: Intervenção do Grupo Basurama no Anhangabaú em São Paulo



Fonte:<http://www.select.art.br/urbanismo-tatico/>. Acesso: 29/04/2017

1.5.2. Caminhabilidade

A Caminhabilidade (em inglês, Walkability) é uma medida quantitativa e qualitativa para medir o quão convidativa ou não-convidativa uma área pode ser para as pessoas, pedestres. É um conceito bastante amplo e abrange a experiência urbana dos habitantes de uma cidade a partir de critérios como acessibilidade, possibilidades e estímulos aos deslocamentos a pé pelo ambiente urbano.

O caminhar interessa cada vez mais para as cidades. Ambientes construídos que promovam e facilitem o deslocamento pé – às lojas, trabalho, escola, equipamentos e serviços – são melhores lugares para se viver, tem valores imobiliários mais altos, promovem estilos de vida mais saudáveis e têm níveis mais elevados de conexão social.

Quando se pensa em uma área para se caminhar, provavelmente tem certas condições e características que a fazem amigável para andar. Para muitos, essas características são calçadas largas e em boas condições, bancos, boa iluminação, rotas fáceis, comércio interessante, prédios e serviços. Para outros, podem significar espaços verdes e com natureza, caminhos mais tranquilos e onde cachorros, carrinhos e bicicletas são bem vindas.

Caminhabilidade é uma medida subjetiva, algumas pessoas gostam de ruas mais tranquilas enquanto outras de lugares mais movimentados e com abundância de comércio. Normalmente essas considerações estão associadas ao desejo de se sentir seguro e outras vezes tem relação com as preferências estéticas.

Examinar a caminhabilidade de um bairro, cidade ou região é um fator importante para fazer esse lugar ser mais acolhedor, agradável, amigável e seguro. Lugares muito ocupados por pessoas nas ruas, comprando, indo a escola ou trabalho, ou simplesmente passeando são considerados lugares mais desejáveis de se viver e promovem conexão entre as pessoas, e podem até reduzir o uso de automóveis.

O objetivo de medir a caminhabilidade é conseguir fazer as mudanças necessárias para cada vez transformar as cidades em lugares mais agradáveis de se viver, melhorando a convivência social e a experiência cotidiana de todos.

Existem algumas grandes cidades que têm concentrado seus esforços em promover a cultura do pedestrianismo. Com isso, elas visam trazer mais benefícios à saúde e ao bem-estar de seus habitantes, bem como reduzir os congestionamentos nas suas principais vias e diminuir as emissões de poluentes. Helsinque, Amsterdã, Zurique, Hamburgo e Copenhague são alguns bons exemplos que podem ser seguidos por outros centros urbanos.

Helsinque, Finlândia

A capital finlandesa instituiu uma lógica para criar um novo plano, quanto mais pessoas na cidade, menos carros são permitidos nas ruas. Com isso, pretende-se acomodar uma rede de bairros mais densos, caminháveis e conectados entre si, com prioridade para o transporte ativo e coletivo. A ideia é que trabalho, casa, lazer, comércio e escola sejam elementos próximos o suficiente para tornar os deslocamentos cotidianos viáveis a pé ou de bicicleta, e que possa extinguir a necessidade de veículos.

Figura 8: Mobilidade Urbana em Helsinque



Fonte: Riku Kettunen, via Flickr. Acesso: 20/06/2017

Figura 9: Mobilidade Urbana em Helsinque



Fonte: <http://www.ecodesenvolvimento.org/posts/2014/moradores-de-helsinki-nao-terao-razoes-para-andar>. Acesso: 20/06/2017

Copenhague, Dinamarca

Uma das cidades mais famosas no mundo pelo uso da bicicleta como meio de transporte implementou suas primeiras zonas exclusivas para pedestres já na década de 1960. Hoje, as áreas de pedestres estão espalhadas pela cidade e os diferentes modais convivem no espaço urbano. A transformação na cidade dinamarquesa, pautada pelo trabalho de Jan Gehl²⁰, começou exatamente pelo entendimento de que

²⁰ Jan Gehl é um arquiteto e urbanista dinamarquês, professor universitário aposentado e consultor, cuja carreira foi construída com base no princípio de melhorar a qualidade de vida urbana através da reorientação do planejamento urbano em favor de pedestres e ciclistas.

a valorização do pedestre, dos trajetos a pé e do transporte ativo em geral é um dos primeiros passos para melhorar a mobilidade e construir uma cidade melhor para as pessoas.

Figura 10: Grande área para pedestres em Copenhague



Fonte: <http://www.visitcopenhagen.com/copenhagen-tourist>. Acesso: 20/06/2017

Zurique, Suíça

Em Zurique, 42% dos deslocamentos são feitos a pé ou de bicicleta. A cidade possui uma mobilidade eficiente, integrada e multimodal que permite que as pessoas consigam chegar a praticamente qualquer lugar sem precisar de um carro. O caminho até se atingir esses índices começou em 1996, com o chamado Compromisso Histórico. O documento estabeleceu que nenhum novo estacionamento poderia ser construído na cidade, a menos que em substituição a outro já existente. Desde então, grande parte dos estacionamentos construídos foi colocada abaixo do nível do solo, e o espaço que deixaram de ocupar na superfície foi destinado à criação de praças, espaços públicos e zonas exclusivas para os pedestres.

Com o objetivo de manter a bicicleta segura enquanto os ciclistas paravam para um lanche, a câmara municipal de Zurique criou o Velokafi, um projeto que consiste na construção de drive-in para bikes. O primeiro estabelecimento a receber a novidade foi o Rathaus Café.

Figura 11: Drive-in para bicicletas



Fonte: <http://www.hoya.com.br/blog/cafe-de-bicicleta-em-zurique/>. Acesso: 20/06/2017

Hamburgo, Alemanha

Hamburgo foi eleita a Capital Verde Europeia²¹ de 2011 por suas estratégias de planejamento integrado e metas ambiciosas. A principal delas, tornar o espaço urbano totalmente acessível a pé ou de bicicleta, conectando as principais áreas verdes e de lazer da cidade em 40% do território. A Rede Verde, como foi chamado o projeto, pretende eliminar não só a circulação dos carros na região central, mas também a necessidade de usá-los, mostrando que grandes cidades podem ser ambientes caminháveis e planejados para as pessoas.

Figura 12: Plano de projeto da Rede Verde em Hamburgo



Fonte: <http://espn.uol.com.br/>. Acesso: 20/06/2017.

²¹ O Prémio Capital Verde Europeia, ou, para usar a expressão original, o “European Green Capital Award”, nasce da vontade de 15 cidades europeias em estimular e reconhecer as boas práticas ambientais.

Figura 13: Sinalização nas ruas de Hamburgo



Fonte:<http://espn.uol.com.br/>. Acesso: 20/06/2017.

Os alemães acreditam que existe um motivo mais importante do que resolver a questão da mobilidade urbana. Políticas públicas neste estilo são tomadas para combater as mudanças climáticas. Estudos comprovam que na região a temperatura já é, em média, 1,2 °C maior do que 60 anos atrás.

Figura 14: Parque em Hamburgo



Fonte:<http://espn.uol.com.br/>. Acesso: 20/06/2017.

De acordo com Angelika Fritsch, porta voz do Departamento de Planejamento Urbano e Ambiental, as medidas foram pensadas para dar conforto aos moradores da

cidade, especialmente crianças, que enfrentarão o aumento da temperatura em um futuro próximo: "É muito importante prover qualidade de vida para nossos residentes após 2050.", afirma a porta voz.

Amsterdã, Holanda

Em Amsterdã, são as bicicletas que ditam o ritmo – na maior parte da cidade, os limites de velocidade não passam dos 20 km/h, priorizando a capacidade das pessoas de se locomoverem por si mesmas. Embora os deslocamentos a pé estejam caindo na cidade, por conta do alto índice de uso da bicicleta, a preocupação com a caminhabilidade se reflete nos investimentos que a cidade vem fazendo para qualificar essa forma de deslocamento. Amsterdã está trabalhando na criação de novos espaços compartilhados com base em dois princípios:

- 1) a velocidade máxima permitida nesses locais é baixa e igual para todos os modos de transporte;
- 2) não há vias segregadas entre os modais, o que significa que os pedestres não ficam restritos aos limites das calçadas.

Figura 15: Estacionamento de bicicletas em Amsterdam



Fonte:<http://vivagreen.com.br/blog/como-os-holandeses-lutaram-por-um-pais-de-bicicletas/>. Acesso: 24/06/2017.

1.5.3. Cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis

Conceitos estudados pelo urbanista Jan Gehl em seu livro “Cidade para pessoas”. Gehl diz que a vida na cidade deve ser vista como um processo, que a cidade deve ser viva e convidativa para as pessoas para que estas pessoas tenham um contato direto com a sociedade e o que acontece em volta delas. A cidade viva convida à integração social, conceito que nas últimas décadas foi esquecido pelos planejadores urbanos, basta observar as nossas cidades e todo o processo de segregação que foi instituído na sua formação.

Além de um processo, a cidade deve ter espaços contendo sempre um significado, o que reforça o caráter convidativo e popular intrínseca a elas. A vida urbana deve ser variada, com um misto atividades e de lazer, com espaços pensados para a permanência das pessoas, que seja convidativo e confortável. Ao contrário, o que vemos hoje nas cidades são calçadas lotadas, com tráfego intenso de pessoas, aonde se deve lutar por um espaço para se caminhar no meio urbano.

A vida na cidade deve ser vista com um processo de auto alimentação, de auto reforço, ou seja, os espaços públicos devem ser atrativos, convidativos e bem trabalhados para que sempre as pessoas queiram estar naquele lugar. As pessoas se inspiram e são atraídas pela atividade e presença de outras pessoas. Uma vez alimentado esse processo, acontece um autoreforço da característica que aquela cidade vai assumir. Aonde os espaços públicos são mais atrativos, sempre vão ter mais pessoas, que atraem mais pessoas, que atraem mais pessoas...

O conceito de cidades vivas também está intimamente ligado à velocidade. O tráfego lento de pessoas, traz vida e significado às cidades. Isso explica porque a vida nos bairros, onde as pessoas se deslocam lentamente, é mais saudável que nos grandes centros, aonde as pessoas quase não prestam atenção por onde estão passando. Um bom exemplo desse fato é a cidade de Veneza, na Itália, apesar da ilha em si não possuir uma população numerosa porque os habitantes se deslocaram para bairros afastados da cidade antiga, o centro da cidade ainda é exemplo de uma cidade extremamente viva, suas rotas são pequenas, os espaços convidativos e há apenas pessoas e gondolas circulando, ambos em velocidades lentas.

Figura 16: Ruas de Veneza



Fonte: <http://compartilheviagens.com.br/um-dia-em-veneza/>. Acesso: 25/06/2017

Todas essas características fazem com que as cidades permaneçam também mais seguras, sustentáveis e saudáveis, pois parte dessas características vem do sentimento das pessoas que ali habitam. Não é novidade o fato de que quanto mais pessoas, e mais olhos na rua, mais desperta um sentimento de segurança às pessoas. A segurança nas cidades se deve principalmente à segurança no tráfego e a prevenção à criminalidade.

Figura 17: Placa no bairro do condado de Miami Dade



Fonte: <http://www.citizenscrimewatch.com/content/neighborhood-crime-watch-program>. Acesso: 26/06/2017

Na placa diz: “Atenção. Esta é uma área protegida pelos cidadãos. Vigilantes do crime”. Essa foi uma iniciativa do condado de Miami-Dade, nos Estados Unidos, junto ao departamento de polícia e os cidadãos, formando uma rede de vigilância comunitária.

Com a invasão dos carros nas cidades na década de 1950, o espaço nas cidades para as pessoas e os ciclistas foram ficando esmagados pelas calçadas pequenas, quantidade de postes de sinalização e pelos semáforos. Atualmente, a resolução das ciclofaixas nas ruas, juntos aos carros, só deixou a situação mais perigosa para os ciclistas. Com todas essas medidas tomadas para o conforto do automóvel, só ficou mais difícil e menos convidativo caminhar pelas cidades.

Figura 18: Ciclofaixa na rua Marechal Floriano em Curitiba.



Fonte:<http://www.bicicleteiros.com.br/tag/ciclofaixa-marechal-floriano/>. Acesso: 27/06/2017.

A criação dos espaços compartilhados só acentuou os índices de acidentes nas cidades. O objetivo das ruas compartilhadas é dar livre acesso à todos, veículos, pedestres e ciclistas, mas os dois últimos devem estar sempre vigilantes para evitar acidentes. Isso demonstra como até o urbanismo moderno ainda presta pouca atenção à qualidade de vida nas cidades.

1.5.4. A cidade como lugar de encontro

A cidade como lugar de encontro é um resultado do conceito anterior de cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis. O homem foi criado para caminhar e vários acontecimentos da vida, sejam eles grandes ou pequenos, ocorrem quando caminhamos entres outras pessoas. A vida se desdobra diante de nós quando

estamos a pé ou andando de bicicleta. A nossa percepção do que acontece a nossa volta depende muito da velocidade em que nos deslocamos, por isso o ato de caminhar é tão importante para nós, nos permite observar e sentir coisas que não é possível, por exemplo, quando estamos de carro.

Desta maneira, se pensarmos e projetarmos melhores condições para os ciclistas, o convite para mais pessoas a pedalar é maior, ao passo que, melhorar as condições para os pedestres, não só reforçamos a circulação a pé, mas também reforçamos a vida da cidade, proporcionando os encontros que são tão importantes, tanto para o indivíduo, quanto para a cidade.

1.5.5. Amabilidade Urbana

Amabilidade, quer dizer ação ou qualidade de amável, o ato ou estado de comportamento que pressupõe a generosidade, o afeto ou a cortesia com o outro²². Adriana Sansão em seu livro “Intervenções temporárias, Marcas permanentes”, adapta esse conceito ao urbanismo se traduzindo como um atributo do espaço, que de várias formas provocaria uma proximidade entre o indivíduos, através das conexões, encontros, intercâmbios e interações estabelecidas na cidade, ou seja, entre as pessoas e os espaço em que estão inseridas. Tal conceito se opõe ao individualismo, característico das nossas cidades.

A amabilidade representa a ruptura de hábitos individuais no espaço coletivo, e surge como um importante legado das intervenções temporárias praticadas nos espaços coletivos. Surge como um conceito que atribui qualidade física e social ao mesmo tempo, entre espaço e as pessoas.²³

Esse aporte teórico pode contribuir para o projeto de novos espaços coletivos que permitam, e estimulem, mais intervenções temporárias, sempre visando à cidade como a reunião de espaços coletivos mais amáveis.

²² Segundo o dicionário Aurélio

²³ SANSÃO, 2013

1.5.6. Urbanidade

Urbanidade quer dizer afabilidade, reunião dos costumes, formalidades e comportamentos que expressam respeito entre pessoas, ou seja, demonstração de civilidade.

É considerado um conceito de caráter social e não físico. Não significa total integração, pois sempre existiram e continuarão a existir os preconceitos e as diferenças sociais, mas significa a aceitação do outro.

O conceito de urbanidade para a urbanização contemporânea – global, territorial, híbrida e dispersa – é outro, e novo, reside no equilíbrio adequado entre densidade e mescla, entre construção e atividade, que permite aos residentes da urbe participar e ser parte da sociedade urbana, através da possibilidade de se encontrarem uns com os outros. A urbanidade contemporânea está nas construções materiais capazes de transmitir aos cidadãos a compreensão de três atributos da cidade, que são a simultaneidade, a temporalidade, e a diversidade. Resulta da articulação das coisas urbanas, que não depende das funções ou atividades, mas da diversidade – densidade qualitativa mais que quantitativa- que alude a variedade e ao número de referências superpostas em um lugar, reforço no entanto que a amabilidade urbana como conceito de dupla dimensão, social e física, com forte articulação com o eventual e o social, não poderia adotar essa abordagem.

As principais características que denominam um espaço com urbanidade são: muitas pessoas utilizando os espaços públicos, especialmente as calçadas, parques e praças. Diversidade de perfis, sejam eles em interesses, atividades, idades, classes sociais. Alta interação entre os espaços abertos públicos e os espaços fechados, tais como: a. pessoas entrando e saindo das edificações (o que é desempenhado especialmente bem pelo comércio de pequeno porte – grandes equipamentos tendem a interiorizar essas interações, tal como acontece nos shoppings e nos grandes magazines); b. mesas nas calçadas; c. contato visual dos andares superiores através de janelas. Diversidade de modos de transporte e deslocamento (pedestres, ciclistas, automóveis, ônibus, trens). Pessoas interagindo em grupos, o que requer espaços que apoiem essas atividades, como bancos, mesas, áreas sombreadas. Traços da vida cotidiana – crianças indo à escola, pessoas comprando o jornal, indo à mercearia, fazendo compras.

1.5.7. Urbanismo cotidiano

É um termo usado por Margaret Crawford²⁴ em seu livro “Everyday urbanism” que se refere as diversas atividades ou atitudes perante a cidade, que celebram a riqueza e vitalidade do dia a dia, aproveitando as potencialidades existentes, e intensificando e encorajando o uso dos espaços de forma alternativa e empírica.

A autora defende a cidade formada através do urbanismo cotidiano, de todos os dias, do que advinda de um plano formal ou oficial, e ressalta que não existe um urbanismo cotidiano universal, pois cada lugar tem respostas e soluções de diferentes escalas, de acordo com a necessidade. Consiste então de um olhar tático sobre a ação transitória que se desenvolvem nas cidades, buscando possibilidades a partir das atividades cotidianas.

1.5.8. Cidade ocasional

Post-it city, ou cidade ocasional está em sintonia com o urbanismo cotidiano. Foi um termo criado por Giovanni La Varra²⁵, e propõe uma metáfora aos blocos adesivos amarelos usados para recados. Corresponde a um dispositivo de funcionamento da cidade contemporânea ligado as dinâmicas da vida coletiva fora dos canais convencionais.

“Como um texto cheio de “post-it”, a cidade contemporânea está ocupada temporariamente por comportamentos que não deixam rastros – como tampouco deixam os “post-it” nos livros- que aparecem e desaparecem de modo recorrente, que tem suas formas de comunicação e de atração, mas que cada vez são mais difíceis de ignorar.”²⁶

São espaços informais aonde podem acontecer atividades variadas como barraquinha de vendas, festas, encontros. É um espaço funcional para os cidadãos desenvolverem atividades não convencionais.

Primeiramente, o lugar é um espaço não codificado aonde podem acontecer quaisquer tipos de encontros, trocas e comportamentos. São espaços residuais,

²⁴ Margaret Crawford é professora de história e teoria da arquitetura na Universidade de Berkeley.

²⁵ Arquiteto Italiano

²⁶ (LA VARRA, p.180)

vazios e esquecidos pelo planejamento urbano e que estão localizados nos limites das principais linhas de comunicação na cidade. Em segundo, são espaços temporários. As atividades se desdobram de maneiras diferentes no dia ou na noite. Durante outra parte do tempo não se tem notícias, nem rastros do acontecimento delas. Em terceiro lugar é um modo se de intensificar a sensação no espaço, uma terra de ninguém disponível para todos os tipos de atividade coletivas.

Cidade Post-it é uma crítica ao design contemporâneo dos espaços públicos nas cidades, espaços estes que estão sendo cada vez mais e mais formalizados, financiados e sofisticados, e menos espontâneos e reais.

Um dos exemplos desse tipo de ocupação é o projeto Home Street Home, de Laura Marte em Barcelona. Ela se aproveita dos moveis que são colocados nas ruas pelo moradores para serem recolhidos pela prefeitura e os reorganiza, criando ambientes nas ruas que se assimilam a ambientes privados.

Figura 19: Intervenção feita por Laura Marte na cidade de Barcelona



Fonte: <http://lauramarte2.wixsite.com/lauramarte/post-it-city>. Acesso: 14/03/2017

Figura 20: Intervenção feira por Laura Marte na cidade de Barcelona



Fonte: <http://lauramarte2.wixsite.com/lauramarte/post-it-city>. Acesso: 14/03/2017

2. Fenomenologia

O Intuito deste capítulo é fazer uma breve introdução aos conceitos de fenomenologia e como esses podem ser incorporados através de alguns aspectos à arquitetura e ao urbanismo.

Neste sentido, a fenomenologia tem como tarefa desvendar os fenômenos implícitos nas relações intencionais que o homem vive no seu cotidiano com os outros, deste modo, relacionando homem com a cidade e com os outros homens na cidade. Como uma forma diferente de perceber as coisas, saindo do que é cotidiano e da indiferença do dia a dia, fazendo algo saltar ao olhos.

2.1. O que é fenomenologia

Fenomenologia significa "o estudo do que se mostra", do que aparece. Foi fundada pelo filósofo alemão Edmund Husserl²⁷ e tem como objeto de estudo o fenômeno, ou seja, as coisas como elas são e não o que é dito sobre elas.

A fenomenologia surgiu na filosofia como ciência sobre a experiência que a consciência tem do mundo, a relação entre a consciência do saber humano e o mundo exterior a ela. Este estudo busca a interpretação do mundo, através da consciência do sujeito, baseada nas próprias experiências. É um olhar que procura recuperar a ingenuidade de uma criança na forma em que ela se relaciona com o mundo sensorial, sem ter a imposição de preconceitos, pressuposições e significados prévios. Isso é o que Husserl denomina de método fenomenológico, que consiste em estudar o fenômeno, tal como o sujeito o percebe, sem interferências de outras observações, permitindo a abstração da realidade e o estudo do fenômeno em si da maneira que o

²⁷ Edmund Gustav Albrecht Husserl, filósofo e matemático austríaco, naturalizado alemão, fundador do conceito de fenomenologia.

observador o vê. Seu intuito é desnudar “o mistério do mundo e o mistério da razão”, como afirmou Merleau-Ponty²⁸, no prefácio da *Fenomenologia da Percepção*.

A tradição fenomenológica busca estudar as estruturas da consciência do ponto de vista da primeira pessoa. Ela tenta, portanto, desvendar quais são os limites do conhecimento sobre o fenômeno. É um estudo sistemático das figuras fenomenais, daquilo que pode ser percebido. É um tipo de análise que pretende compreender melhor as estruturas centrais da experiência e da intencionalidade humana, explicando como a mente direciona o pensamento a determinados objetos ou à realidade.

Como ciência dos fenômenos puros, cabe à fenomenologia o mundo que é percebido pela experiência imediata. Isso quer dizer que a consciência não é passiva. Ela não compreende a existência das coisas como algo pronto e acabado, mas participando da existência desses objetos.

Para os fenomenólogos, só existe objeto se existe também um sujeito para percebê-lo. Por exemplo, se uma árvore cai em um bosque e não há testemunhas desse fato, então é como se ela nunca tivesse existido.

Merleau-Ponty afirma que a fenomenologia só é acessível a um método fenomenológico, e existe, como movimento, antes mesmo de alcançar uma inteira consciência filosófica. O pensar fenomenológico é metodológico e não possui um fim em si mesmo, pois sua função é a de abrir as portas para uma nova compreensão do mundo.

A *Fenomenologia da percepção* (1945/1994) já dizia que:

“A linguagem nos ultrapassa, não apenas porque o uso da fala sempre supõe um grande número de pensamentos que não são atuais e que cada palavra resume, mas ainda por uma outra razão, mais profunda: a saber, porque esses pensamentos, em sua atualidade, jamais foram 'puros pensamentos', porque neles já havia excesso do significado sobre o significante e o mesmo esforço do pensamento pensado para igualar o pensamento pensante, a mesma junção provisória entre um e outro que faz todo o mistério da expressão.”²⁹

²⁸ Maurice Merleau-Ponty foi um filósofo francês.

²⁹ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p. 521.

2.2. A Imaginação criadora de Jung e Bachelard

Com a mesma linha de pensamento, surge Jung³⁰ – que não intitula o seu trabalho como sendo fenomenológico, mas várias das passagens de seus livros contém uma semelhança a esse pensamento. Para Jung, manter uma postura fenomenológica significava valorizar a experiência, compreendida como a experiência vivida pelo indivíduo.

O processo de observação do fenômeno não é, para Jung, algo independente da atividade cognoscitiva do sujeito. Todo o conhecimento, seja ele geral ou psicológico, é sempre co-determinado pela psique, ou seja, influenciado pelos fatores subjetivos e pelas equações pessoais.

Percebe-se em Merleau-Ponty, que a teoria do conhecimento da Fenomenologia tem pontos de aproximação da de Jung:

“Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda.” (p. 3).³¹

O francês Gaston Bachelard³² postulou a imaginação como elo entre o homem e o mundo, competindo ao método fenomenológico “precisar o verdadeiro caráter da imagem em face da percepção”.

Essa argumentação evidencia a relevância da função criativa da psique, que raciocina imagetivamente. Para Jung, o equivalente racional mais próximo à atividade psíquica é a analogia ou a metáfora. O foco terapêutico que se estabelece, por consequência, está na textura metafórica das coisas e imagens que produzem uma riqueza de insights psicológicos.

³⁰ Carl Gustav Jung foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a psicologia analítica. Jung propôs e desenvolveu os conceitos da personalidade extrovertida e introvertida, arquétipos e o inconsciente coletivo.

³¹ Ibid.

³² Gaston Bachelard foi um filósofo e poeta francês. Seu pensamento está focado principalmente em questões referentes à filosofia da ciência.

A imaginação e a vontade são para eles as duas principais funções psíquicas. Enquanto a tradição filosófica racionalista sempre priorizou a imaginação reprodutora, em que a imagem seria um resíduo do objeto percebido retido na memória, portanto apenas uma reprodução da realidade, constituído de ideias feitas e acabadas que justificam o mundo tal como ele parece ser, um mundo de ilusões, Bachelard aprofundou suas reflexões acerca da imaginação no sentido contrário: opôs-se aos preconceitos e à prevenção; trabalhou com a noção de imaginação criadora, que traz as sementes das transformações.

O homem por ele concebido é o homem demiurgo, instaurador de novas realidades, cuja fonte é a imaginação criadora, a essência do espírito humano, que de modo dinâmico o torna capaz de produzir tanto ciência quanto arte, ou seja, o pensamento e o sonho. Em Bachelard, a imaginação criadora une os dois mundos. Nessas diferentes faces da capacidade de criar a experiência psicológica está presente sob a direção do imaginário. Concebe a imaginação como fonte, como o que impulsiona o pensamento e o faz dinâmico, criando o novo como um grande susto, numa instantaneidade.

2.3. Fenomenologia, Arquitetura e Urbanismo

Na arquitetura é utilizado alguns destes conceitos para designar uma linha de trabalho e pesquisa, que procura intensificar a experiência sensorial, como trabalhado pelo arquiteto Juhani Pallasmaa³³. Para isso são usadas estratégias de projeto para que o visitante receba fortes e ao mesmo tempo sutis impressões visuais (principalmente acústica e táteis) tais como: manipulação da entrada de luz (natural ou artificial), exposição de materiais translúcidos, opacos, transparentes e o uso da tecnologia digital.

Assim os projetos criam singulares efeitos que convidam a reflexão e recolhimento.

-Fenômenos visuais são os mais explorados:

³³ Juhani Uolevi Pallasmaa é um arquiteto finlandês. É professor de arquitetura da Universidade Aalto.

A) Mudança da forma de olhar as transparências:

“Transparência literal” – Movimento Moderno, higiene, positivismo.

“Transparência fenomênica” – enxerga o fenômeno com todas as qualidades.

B) Acentua a complexidade visual: uso de múltiplas camadas transparentes que retarda a chegada de luz ao observador.

Se se pretende que a arquitetura transcenda sua condição física, sua função como mero refúgio, então seu significado como espaço interior deve ocupar um espaço equivalente dentro da linguagem. A linguagem escrita deveria, pois, assumir as silenciosas intensidades da arquitetura.³⁴

Um dos exemplos dos conceitos de fenomenologia aplicado na Arquitetura, é a Adega Dominus, na Califórnia.

A construção faz o uso de um sistema construtivo de gabiões para o controle térmico, e o controle da entrada de luz. Pedras menores criam um muro mais denso na parte inferior, na parte do almojarifado.

Na parte superior a pedra é maior possibilitando uma maior ventilação, e é onde se encontram os escritórios. Esse interstícios permitem a passagem de luz criando um efeito sensorial.

³⁴ Texto original em espanhol: Steven Holl (Cuestiones de Percepción: Fenomenología de la arquitectura, GG, 2011)

Figura 21: Exterior da Adega Dominus, California



Fonte:<https://measuresearch.com/a-arquitetura-da-adega-dominus-contencao-formal-envoltoria-inteligente-2/>. Acesso: 06/09/2017

Outro exemplo é da loja da Prada, em Tóquio. Uma estrutura reticular com um ângulo de 45 graus é jogada na fachada, liberando toda a planta interna, dentro do qual aparecem “tubos” suspensos que são áreas mais privadas para experimentar as roupas. O edifício gera ilusões de ótica “quase cinematográficas” que aparecem através da retícula.

Figura 22: Loja da Prada em Tokyo



Fonte:<https://arqteoria.wordpress.com/2013/09/08/aula-6-arquitetura-e-fenomenologia/>. Acesso:09/06/2017

Posto que as palavras são abstratas, não se concretam no espaço nem na experiência sensorial material e direta, esta tentativa por entender o significado arquitetônico mediante a linguagem escrita corre o risco de desaparecer. Se poderia propor um espaço impossível, inacessível através da linguagem; não obstante, as palavras não podem substituir a autêntica experiência física e sensorial. A tentativa de transmitir uma consciência fortalecida é, em palavras de Rainer Maria Rilke³⁵, “uma questão de passar a ser tão plenamente conscientes de nossa existência como seja possível”.

Nossa experiência e nossa sensibilidade podem evolucionar mediante a análise reflexiva e silenciosa. Para nos abrir à percepção devemos transcender a urgência mundana das “coisas que há que fazer”. Devemos tentar aceder a essa vida interior que revela a intensidade luminosa do mundo.

A introspecção pode suscitar a necessidade de comunicar descobrimentos feitos em solidão: a reflexão privada provoca a ação pública. Nosso mundo está repleto de tarefas mundanas das que nós devemos liberar; a vida cotidiana está repleta de aparatos que acumulam nossa atenção e satisfazem nossos desejos, reconduzindo-os a enganosos fins comerciais. A existência comercial moderna enturva a questão acerca do essencial. Vivemos nossas vidas em espaços construídos, rodeados de objetos físicos.

A arquitetura tem o poder de inspirar e transformar nossa existência do dia-a-dia. O ato cotidiano de agarrar a maçaneta de uma porta e abri-la a um campo banhado de luz pode se converter num ato profundo se o experimentamos com uma consciência sensibilizada. Ver e sentir estas qualidades físicas significa tornar-se o sujeito dos sentidos.

Mais plenamente que o resto das outras formas artísticas, a arquitetura capta a imediatez de nossas percepções sensoriais. A passagem do tempo, da luz, da sombra e da transparência; os fenômenos cromáticos, a textura, o material e os detalhes, tudo isso participa na experiência total da arquitetura. A representação bidimensional -em fotografia, em pintura o nas artes gráficas- e a música se encontram sujeitas a limites específicos e, por isso, captam só parcialmente a multidão de sensações que evoca a arquitetura. Embora a potência emocional do cinema é

³⁵ Rainer Maria Rilke, por vezes também Rainer Maria von Rilke foi um poeta de língua alemã do século XX.

irrefutável, só a arquitetura pode despertar simultaneamente todos os sentidos, todas as complexidades da percepção.

Embora as sensações e impressões nos envolvam silenciosamente nos fenômenos físicos da arquitetura, a força generativa radica nas intenções que residem além dela. O comentário de Goethe³⁶ de que “uma pessoa deveria buscar nada além dos fenômenos; estes constituem lições em si mesmos” fica curta frente a uma postura filosófica mais moderna, que teria sua origem em Franz Brentano³⁷ e Edmund Husserl e que mais tarde desenvolveria Maurice Merleau-Ponty.

As questões da percepção arquitetônica subjazem nas questões de intenção. Esta “intencionalidade” afasta a arquitetura da pura fenomenologia associada às ciências naturais. Seja qual for a percepção de uma obra construída -problemática, desconcertante ou banal-, a energia mental que a gerou resulta a final de contas deficiente, a menos que não se haja articulado o propósito. A relação entre as qualidades experienciais da arquitetura e os conceitos generativos é análoga à tensão que existe entre o empírico e o racional; é aqui onde a lógica dos conceitos preexistentes se encontra com a contingência e particularidade da experiência.

Na cidade moderna, as complexidades fenomênicas e experienciais se desenvolvem só parcialmente mediante o propósito e muito frequentemente se originam de forma acidental a partir da superposição semi-ordenada, embora imprevisível, de propósitos individuais.

Segundo Franz Brentano, os fenômenos físicos captam nossa “percepção exterior”, enquanto que os fenômenos mentais concernem a nossa “percepção interior”. Os fenômenos mentais têm uma existência real e intencional. Desde o ponto de vista empírico, um edifício poderia nos satisfazer como uma entidade puramente físico-espacial, mas desde o ponto de vista intelectual e espiritual necessitamos entender as motivações que encerra. Esta dualidade de intenção e de fenômenos é similar à interação que existe entre o objetivo e o subjetivo ou, dito de um modo mais simples, entre o pensamento e o sentimento. O desafio da arquitetura consiste em estimular tanto a percepção interior como a exterior, em realçar a experiência

³⁶ Johann Wolfgang von Goethe foi um autor e estadista alemão que também fez incursões pelo campo da ciência natural.

³⁷ Franz Clemens Honoratus Hermann Brentano foi um filósofo alemão.

fenomênica enquanto, simultaneamente, se expressa o significado, e desenvolver esta dualidade em resposta às particularidades do lugar e da circunstância.³⁸

Para entender a interação entre os fenômenos experienciais e seu propósito, dissecamos o todo e analisamos nossas percepções parciais. Da mesma forma que na experiência perceptiva direta, a arquitetura se entende inicialmente como uma série de experiências parciais mais que como uma totalidade.

³⁸ Texto original em espanhol: Steven Holl (Cuestiones de Percepción: Fenomenología de la arquitectura, GG, 2011)

3. Arte e Arquitetura

A arte neste presente estudo é abordada como um meio que tem uma linguagem universal e que facilita o estabelecimento de um tipo de ligação entre cidade e pessoas, de forma lúdica e leve, mas ao mesmo tempo crítica e reflexiva.

Deste modo, pretende-se usar a arte como um meio para mudar a percepção e relação que se tem com uma construção ou paisagem do meio urbano.

3.1. O poder da linguagem artística

A criação de uma imagem para comunicar uma ideia pressupõe o uso de uma linguagem visual. Acredita-se que, assim como as pessoas podem "verbalizar" o seu pensamento, elas podem "visualizar" o mesmo. Na análise da "linguagem visual", os elementos da linguagem são esboçados através dos elementos de arte e princípios de design.

3.2. Formas de manifestação artística na arquitetura

As manifestações artísticas podem acontecer de modos variados quando o assunto é a arquitetura e urbanismo. Abaixo serão citados alguns desses exemplos.

3.2.1. Land Art

A "Land Art" (em inglês "Earth Art" ou "Earthwork") foi um movimento artístico pautado na fusão da natureza com a arte, que surgiu na década de 60 nos Estados Unidos e na Europa. O termo "land art", se traduzido, corresponde a "arte da terra" tendo como principal característica a utilização de recursos provenientes da própria natureza para o desenvolvimento do produto artístico. Em outras palavras, a Land Art

surge a partir da fusão e integração da natureza e da arte donde a natureza além de suporte, faz parte da criação artística, e a paisagem é o objeto a ser modificado.

Nesse sentido, os artistas dedicados a essa estética buscavam na natureza a reflexão sobre o fazer artístico, posto que utilizavam, dentre outros materiais, folhas, madeira, galhos, areia, rocha, sal, com o intuito de chamar atenção para a grandiosidade da natureza como local central de experimentação artística, bem como para a ocorrência da efemeridade dessa arte.

Importante destacar que, ao contrário da arte exposta nos museus, a Land Art propõe ultrapassar as limitações do espaço tradicional ao sair deles, posto que é realizada em espaços exteriores e, devido suas grandes dimensões, só é possível conhece-las dentro de um museu por meio de fotografias.

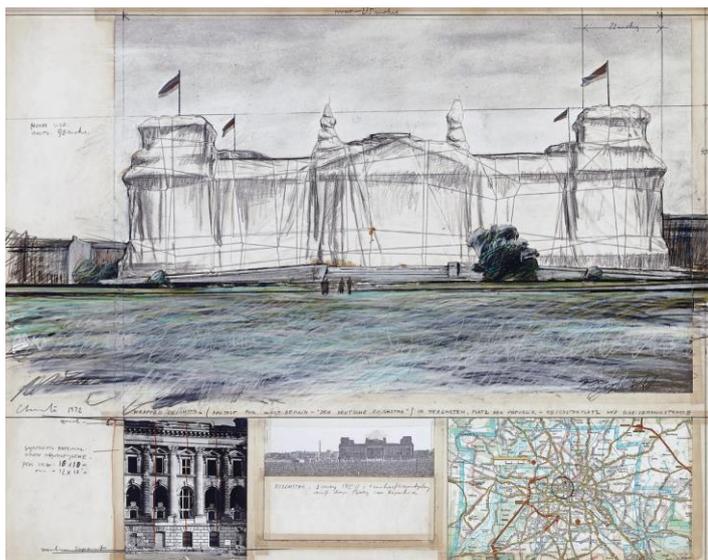
Principais Características da Land Art é a fusão da arte com a natureza, sendo esta vista como o meio do suporte artístico. Efemeridade da arte (desgastada com o tempo desde chuva, neve, erosão). Crítica a indústria cultural e a comercialização da arte. Crítica a industrialização e racionalidade formal, dentre outros.

Dentre os artistas mais representativos deste tipo de manifestação artística estão Christo Vladimirov Javacheff³⁹, e Jeanne-Claude Denat de Guillebon⁴⁰. Eles formaram um casal de artistas que ficaram conhecidos por suas famosas instalações de land art as quais eles utilizam a técnica de embrulhar, como na obra “Wrapped Reichstag” (1995), no qual o edifício do parlamento alemão foi embrulhado num imenso tecido.

³⁹ Christo Vladimirov Javacheff (1935) que é escultor e designer búlgaro.

⁴⁰ Jeanne-Claude Denat de Guillebon (1935-2009) que foi uma escultora marroquina.

Figura 23: Croqui do projeto “Wrapped Reichstag”, Christo e Jeanne Claude



Fonte: <http://christojeanneclaude.net>. Acesso: 05/06/2017

Figura 24: Foto da intervenção “Wrapped Reichstag”, Christo e Jeanne Claude



Fonte: <http://christojeanneclaude.net>. Acesso: 05/06/2017

Outra intervenção relevante do casal de artistas foi o “The Gates”, no Central Park em Nova Iorque em 2005. Ao todo, foram instalados mais de 7.000 painéis fabricados em tecidos ao longo de a extensão do parque, totalizando 37km. A instalação durou 16 dias, e depois os portais foram removidos e os materiais reciclados.

As pessoas em Nova Iorque continuam usando o parque hoje normalmente. Para aqueles que caminharam através dos portais, os tecidos coloridos forneciam

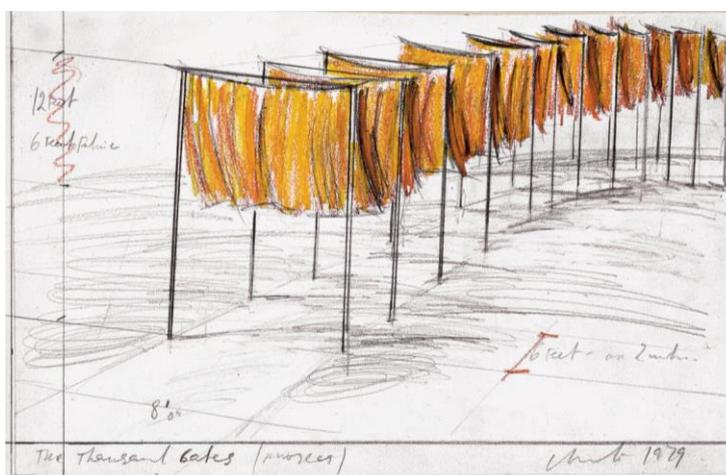
sombra, criando uma espécie de céu dourado. Visto pelos edifícios que circundam o parque, os portais pareciam formar um grande rio dourado.

Figura 25: Croqui do projeto “The Gates”, Christo e Jeanne Claude



Fonte: <http://christojeanneclaude.net>. Acesso: 05/06/2017

Figura 26: Croqui do projeto “The Gates”, Christo e Jeanne Claude



Fonte: <http://christojeanneclaude.net>. Acesso: 05/06/2017

Figura 27: Foto do projeto “The Gates”, Christo e Jeanne Claude



Fonte:<http://christojeanneclaude.net>. Acesso: 05/06/2017

Figura 28: Foto aérea do projeto “The Gates”, Christo e Jeanne Claude

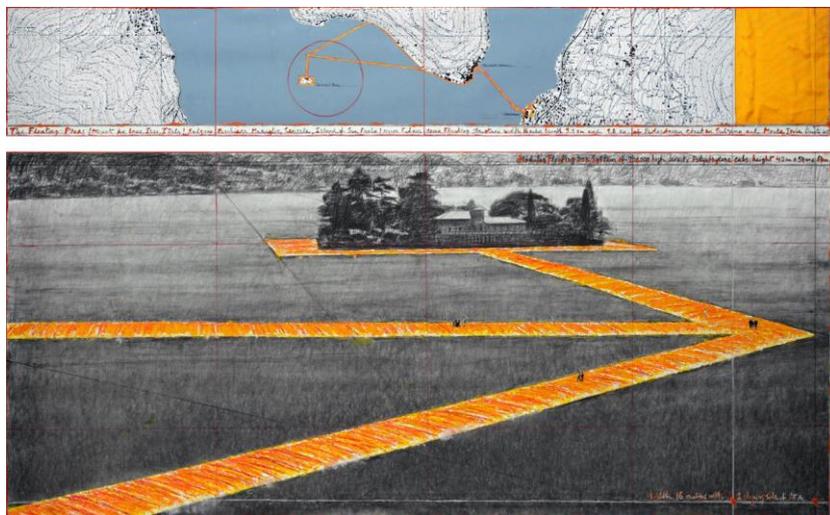


Fonte:<http://christojeanneclaude.net>. Acesso: 05/06/2017

O mais novo projeto, The Floating Piers, foi executado no ano passado no Lago de Iseo na Itália, em junho de 2016. Assim como todos os projetos do casal, são totalmente gratuitos e abertos para o público. “Não existem tickets, entradas, reservas e proprietários”, diz o artista. “The Floating Piers é a extensão da rua e pertence a todos”.

O lago foi coberto com uma passarela que contava com um sistema modular de 220.000 cubos de polietileno, revestidos com um tecido amarelo. Ao todo eram 3km de passarela. A intervenção, assim como a de Nova Iorque, teve duração de 16 dias.

Figura 29: Croqui do projeto “The Floating Piers”, Christo e Jeanne Claude



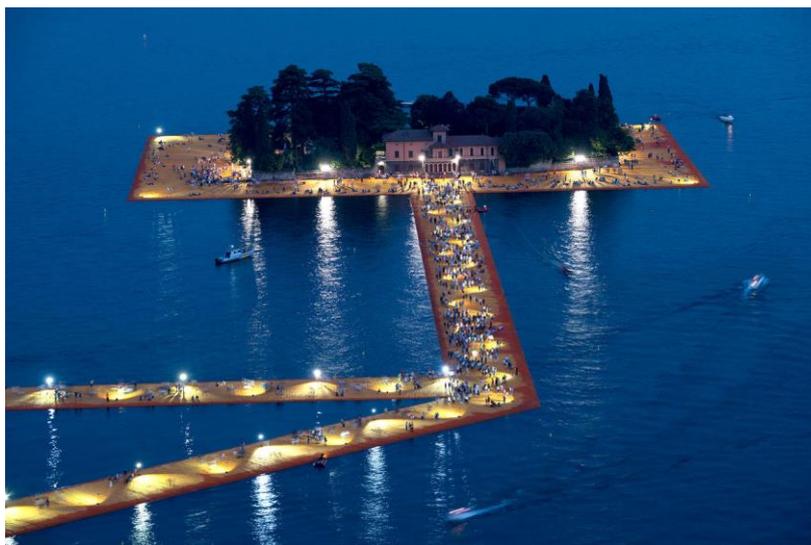
Fonte:<http://christojeanneclaude.net>. Acesso: 05/06/2017

Figura 30: Foto do projeto “The Floating Piers”, Christo e Jeanne Claude



Fonte:<http://christojeanneclaude.net>. Acesso: 05/06/2017

Figura 31: Foto aérea do projeto “The Floating Piers”, Christo e Jeanne Claude



Fonte:<http://christojeanneclaude.net>. Acesso: 05/06/2017

Uma curiosidade é que precisamente na década de 60 e 70, junto ao desenvolvimento da land art, que os conceitos sobre ecologia, meio ambiente e sustentabilidade passam a adquirir maior importância no cenário mundial.

3.2.2. Pavilhões

A palavra pavilhão vem do francês antigo paveillon (século XII) e do latim: papilio (borboleta = papillon em francês). A analogia com o inseto vem a partir do olhar luxuoso de lojas medievais. Daí o conceito de uma estrutura leve, mais agradável, criado em um espaço aberto e com uma função secundária.

Desde 2000, o The Serpentine Gallerie⁴¹, realizam o Summer Pavilion, pavilhões temporários e assinados por arquitetos renomados. Serve como uma plataforma significativa a partir da qual divulga a experimentação arquitetônica e vanguardismo, um arranjo a partir do qual os arquitetos e o público são beneficiados.

⁴¹ The Serpentine Gallerie são duas galerias de arte contemporânea situadas no Kensington Gardens, no Hyde Park, em Londres.

Em 2003, Oscar Niemeyer foi convidado a participar e projetou um pavilhão que relembra o auge do modernismo.

Figura 32: Imagem do pavilhão de Oscar Niemeyer para o The Serpentine Gallerie



Fonte: <http://www.serpentinegalleries.org/exhibitions-events/serpentine-gallery-pavilion-2003-oscar-niemeyer>. Acesso: 29/06/2017

Figura 33: Instalação no Serpentine Summer Houses, Bjarke Ingels



Fonte: <http://www.serpentinegalleries.org/>. Acesso: 15/06/2017

Figura 34: Instalação no Serpentine Summer Houses, Bjarke Ingels



Fonte: <http://www.serpentinegalleries.org/>. Acesso: 15/06/2017

Alguns desses pavilhões são posteriormente comprados por empresas privadas e realocados, como por exemplo o pavilhão de Bjarke Ingels, que de Londres foi para Nova Iorque e posteriormente instalado permanentemente nas ruas de Vancouver, no Canadá.

Figura 35: Pavilhão de Bjarke Ingels instalado permanentemente em Vancouver



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/869124/pavilhao-serpentine-de-big-sera-transferido-permanentemente-para-vancouver/58e2a7bfe58ece16bb000042-bigs-serpentine-pavilion-to-be-moved-to-permanent-home-in-vancouver-image>. Acesso: 14/06/2017

Kunlé Adeyemi, arquiteto do renomado escritório OMA, com sede em Nova Iorque, fez um tributo ao Queen Caroline's Temple, compondo formas mais simples derivadas da rotação do volume do templo.

Figura 36: Instalação no Serpentine Summer Houses, Kunlé Adeyemi



Fonte:<http://www.serpentinegalleries.org/>. Acesso:15/06/2017

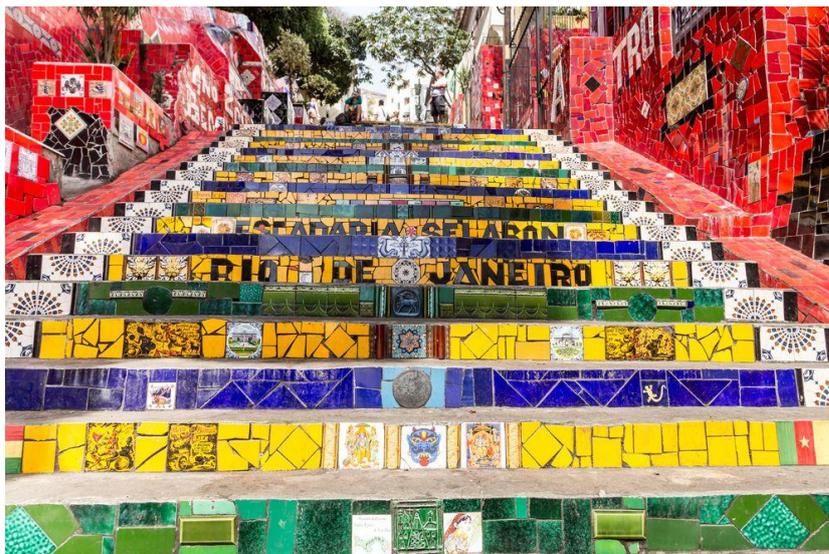
3.2.3. Street Art/Grafite

A Arte Urbana (*street art*, em inglês) designa uma arte encontrada nos meios urbanos, seja por meio de intervenções, performances artísticas, grafite, dentre outras.

Esse tipo de manifestação artística pública interage com o ser humano, e é encontrada onde o cidadão comum pode se deparar com a diversidade cultural que abrigam os centros urbanos, sem necessariamente ter se dirigido a um centro cultural.

Com efeito, a Arte Urbana representa o encontro da vida com a arte, ou melhor, a fusão de ambas.

Figura 37: Escadaria Selaron, Rio de Janeiro



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/arte-urbana/>. Acesso: 09/06/2017

Esse tipo de expressão artística espalhada por todo o mundo, surgiu nos Estados Unidos, na década de 70, e possui um caráter dinâmico e efêmero, os quais podem ser imortalizados pela fotografia.

A proposição da arte urbana é sair dos lugares ditos “consagrados”, ou seja, destinados à exposição e apresentações artísticas (equipamentos culturais: teatro, cinemas, bibliotecas, museus), para dar visibilidade a arte cotidiana, espalhada pelas ruas.

Os temas utilizados pelos artistas de rua são bem diversos, no entanto, muitos trabalhos estão pautados em críticas sociais, políticas e econômicas.

Importante analisar o crescimento da arte urbana nos últimos tempos, de forma que passa a ser vista como um “valor cultural” muito importante das minorias que vivem nos centros urbanos, e anseiam em mostrar sua arte.

Assim, essas manifestações populares permitem o encontro com a arte independente, apesar de muitos artistas de ruas, terem se consagrado mundialmente, reconhecidos pela mídia, indústria e diversos meios de comunicação em massa.

Figura 38: East Side Gallery, Berlim⁴²



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 39: Gueto Africano, Berlim



Fonte: Arquivo pessoal

A história do Grafite no Brasil surgiu também na década de 70, na cidade de São Paulo, época conturbada da história do Brasil, silenciada pela censura com a chegada dos militares no poder.

⁴² East Side Gallery é uma galeria de arte ao ar livre situada em uma seção de 1.113 metros, no lado leste do antigo muro de Berlim, que foi preservado da demolição.

O grafite surge no cenário da metrópole brasileira como uma arte transgressora, a linguagem da rua, da marginalidade, que não pede licença e que grita nas paredes da cidade os incômodos de uma geração.

A partir disso, a arte de grafitar se transforma num importante veículo de comunicação urbano, corroborando, de alguma maneira, a existência de outras vozes, de outros sujeitos históricos e ativos que participam da cidade.

Assim, desde a década de 70 no Brasil, os grafiteiros se apropriaram do espaço público a fim de transmitirem mensagens de cunho político, social, cultural, humanitário e, sobretudo, artístico. Assim, a arte nesse momento, passa a ser não somente vista dentro dos museus ou dos centros culturais, mas, sobretudo, nas paredes das ruas, nos túneis, nos prédios da cidade.

Figura 40: Grafite de Crânio em São Paulo



Fonte: <http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2015/06/britanico-cria-tour-por-melhores-grafites-de-sao-paulo.html>. Acesso: 09/06/2017

Neste grafite, Kobra⁴³ optou pelo branco e preto para dar um tom nostálgico na ilustração da São Paulo do começo do século 20.

⁴³ Eduardo Kobra é um artista brasileiro. Começou sua carreira como pichador artístico, depois se tornou grafiteiro e hoje considera-se um muralista. Também cria obras que simulam as dimensões.

Figura 41: Grafite de Kobra, São Paulo



Fonte: <http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2015/06/britanico-cria-tour-por-melhores-grafites-de-sao-paulo.html>. Acesso: 09/06/2017

3.2.4. Projeções

As projeções 3D em edifícios emblemáticos tem sido um espetáculo à parte em eventos espalhados por todo o mundo. A partir do mapeamento de todos os elementos do edifício, os criadores das projeções realizam efeitos espetaculares, aproveitando-se da arquitetura específica da construção. Uma das projeções mais marcantes foi realizada na cidade de Sugarland, Texas, para celebrar o Ano Novo, em 2010.

Figura 42: Projeção em edifício, Sugarland, Texas



Fonte: <http://www.tecnoarteneews.com/esteticas-tecnologicas/video-fantastico-projecao-3d-da-vida-a-edificio/>. Acesso: 09/06/2017

Imagens da Roma Antiga foram projetadas no Foro di Augusto, na capital Italiana, como parte da celebração pelos 2.000 anos da morte de Augusto, o primeiro Imperador Romano. Esse tipo de intervenção pode ser usada com a finalidade de contar uma história, divulgar cultura e atingir públicos variados devido ao sua linguagem visual simples.

Figura 43: Projeções no Foro Romano, Roma



Fonte: <https://oglobo.globo.com/boa-viagem/augusto-reina-novamente-em-roma-12263339>. Acesso: 09/06/2017

As imagens projetadas na parede do Foro Romano tentaram recriar Roma do ano 2 a.C., quando o templo começou a ser construído.

Figura 44: Projeções no Foro Romano, Roma



Fonte: <https://oglobo.globo.com/boa-viagem/augusto-reina-novamente-em-roma-12263339>. Acesso: 09/06/2017

3.2.5. Intervenções e Instalações temporárias

Servem para diminuir ou até mesmo extinguir os limites invisíveis que cada um carrega consigo e transporta uma característica efêmera como sinal de liberdade e válvula de escape para um indivíduo.

“Toda intervenção na cidade é necessariamente plural. É urbanística, arquitetônica, política, cultural e artística. É necessário reconhecer essa complexidade, em que as ações não são vistas isoladamente (segundo regras próprias, como num museu), mas no interior desse campo mais amplo que é a cidade.”⁴⁴

Articulação entre a condição efêmera (contexto temporal), e intervenção temporária (potencialidade libertadora permitida pela condição de efemeridade, os espaços públicos (contexto espacial no qual se desenrolam as “boas” e “mas” relações entre os indivíduos) e a amabilidade urbana (resultado das intervenções sobre esses espaços e reativa à hostilidade contemporânea, ou ao efêmero como alienação pura).

As intervenções devem ser investigativas e críticas, especulações essencialmente artísticas sobre a natureza e o destino daquelas áreas da cidade. Não visam determinar o perfil definitivo dos lugares. Nem efetivar reformas estruturais na trama urbana, tarefa que cabe aos órgãos administrativos das cidades. Se trata de intensificar a percepção desses espaços, trazer à tona significados ocultos ou esquecidos, apontar para novas possibilidades e usos, redimensionar sua organização estrutural, sugerir novas e inusitadas configurações.

A intervenção é uma inscrição num fluxo mais amplo e complexo que é a dinâmica urbana. Implica entender a cidade como algo em movimento. Não na forma de vetor progressivo, orientado, mas em várias direções. Intervir: um gesto sobre o que já está em movimento. Como surfar ou entrar em uma frequência. É um paradigma da metrópole contemporânea: uma vasta rede que existe por si, em que nem sempre se entra em movimento.

Isso sintetiza a natureza atual da metrópole: um universo onde só se pode interferir indiretamente, por reverberação. Uma ação necessariamente local, ecoa em outros

⁴⁴ PEIXOTO, Nelson Brissac. Intervenções Urbanas: Arte/Cidade. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2002.

pontos, como por ondas. Não há mais como pretender uma ordenação planificada do espaço urbano. Daí a sua condição relativamente superficial e efêmera, embora buscando mais além da superfície da cidade.

É um projeto que ninguém individualmente pode garantir. Daí a possibilidade de fracasso total. Não há como realiza-lo apenas em parte, sem descaracterizar a sua natureza urbana. É tudo ou nada. Só a intervenção na sua totalidade pode dar sentido as ações parciais. Isoladamente, iniciativas individuais tendem a se perder na imensidão e no caos da metrópole. No conjunto, elas circunscrevem um vasto espaço, uma situação complexa.

No geral, as intervenções tenderam a levar em consideração mais o sítio, a inserção arquitetônica, a escala urbana, a complexidade das situações e os componentes sociais e políticos – embora os projetos, dadas as inevitáveis limitações de uma proposta sem precedentes, não consolidada perante a opinião pública, não tenha podido explorar devidamente todas as possíveis relações com a dinâmica da cidade e as operações (revitalização, implantação de novos sistemas de transporte e comunicação, reconstrução e o reordenamento em escala urbana) previstas ou em andamento para as diversas áreas em que ocorreu.

No livro *Arte/Cidade*, Nelson Brissac Peixoto⁴⁵, levanta questões importantes a serem pensadas sobre as intervenções temporárias:

“Que impacto produziu na cidade? Como a arte pode interagir com a produção real da cidade? Pode a arte propiciar um olhar novo, um pensamento prospectivo sobre a cidade? Seria ela capaz de instaurar um espaço reflexivo?”⁴⁶

Da mesma forma o autor completa:

“Uma abordagem que transcenda a vivência imediata das situações, a apreensão intuitiva que redundaria necessariamente em resultados apenas estetizantes, mas ao mesmo tempo introduza a dimensão da experimentação (própria da arte) em procedimentos mais adequados à lógica da edificação e do funcionamento da cidade.”⁴⁷

⁴⁵ Filósofo trabalhando com questões relativas à arte e ao urbanismo, é o organizador e curador de *Arte/Cidade* um projeto de intervenções urbanas em São Paulo, desde 1994.

⁴⁶ Ibid.

⁴⁷ Ibid.

Figura 45: Instalação “The Cloud”, Sou Fujimoto



Fonte: Arquivo pessoal.

Esta instalação foi projetada pelo arquiteto Sou Fujimoto, chama de “The Cloud”, ou “a névem”, foi concebida por uma serie de tubos brancos.

Essa estrutura foi inicialmente montada na parte extrema do Serpentine Gallery em Londres, lugar aonde recebem diversar instalações de artistas e arquitetos famosos de todo o mundo.

Figura 46: Instalação “The Cloud”, Sou Fujimoto



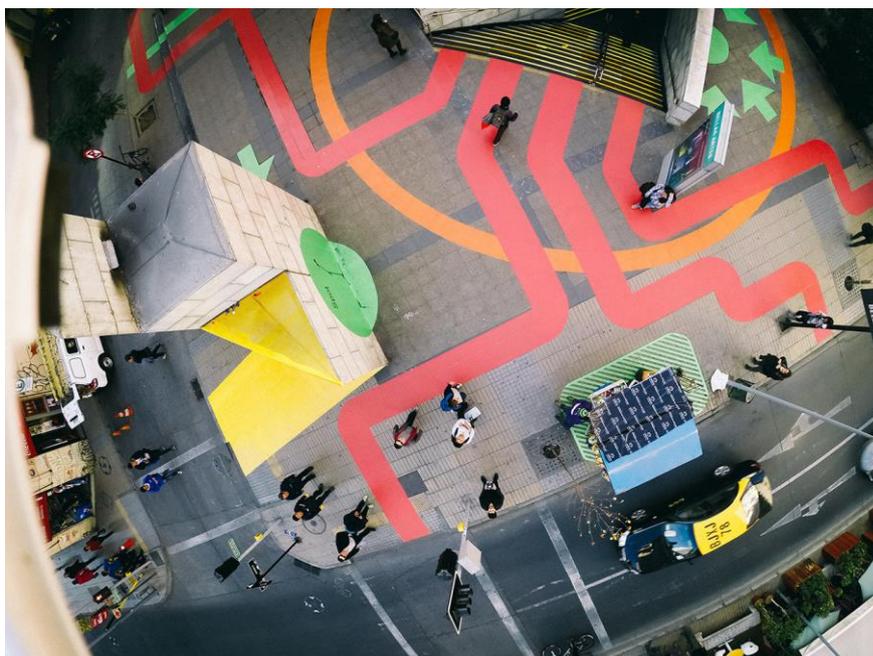
Fonte: Arquivo pessoal.

Ela foi doada como parte de um programa de doações para a cidade de Tirana, na Albânia, e ficará exposta nos jardins da National Gallery of Arts como parte de uma série de acontecimentos culturais que a cidade cedeu.

Um outro exemplo de intervenção urbana bem sucedida, foi o projeto Huellas Artes, no centro de Santiago, Chile. Desenvolvido pelo estúdio de arquitetura 100architects, o projeto interpreta a pegada humana, o movimento, como caminho de valor expressivo e por fim artístico para a cidade. É um motor cultural alimentado pelo fluxo de passagem dos habitantes e visitantes do bairro Bellas Artes, uma área altamente cultural do centro de Santiago.

Trata-se de uma intervenção que propõe a reconfiguração de um determinado espaço através do realce das rotinas diárias de dito lugar. É um novo olhar do uso do espaço público "duro", inserido na trama urbana da cidade afetado pela mobilidade presente nela.

Figura 47: Vista aérea da intervenção Huellas Artes, em Santiago



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/761017/intervencao-urbana-huellas-artes-um-toque-de-colorido-no-centro-de-santiago>. Acesso: 02/06/2017.

O projeto foi desenvolvido sobre a estação de metrô Bellas Artes, que atualmente funciona como uma praça com um baixo caráter funcional, descartando grande parte de seu terreno. A ideia é revitalizar este lugar como um catalisador das atividades relacionadas tanto com o fluxo de pessoas como com o caráter cultural de seu entorno.

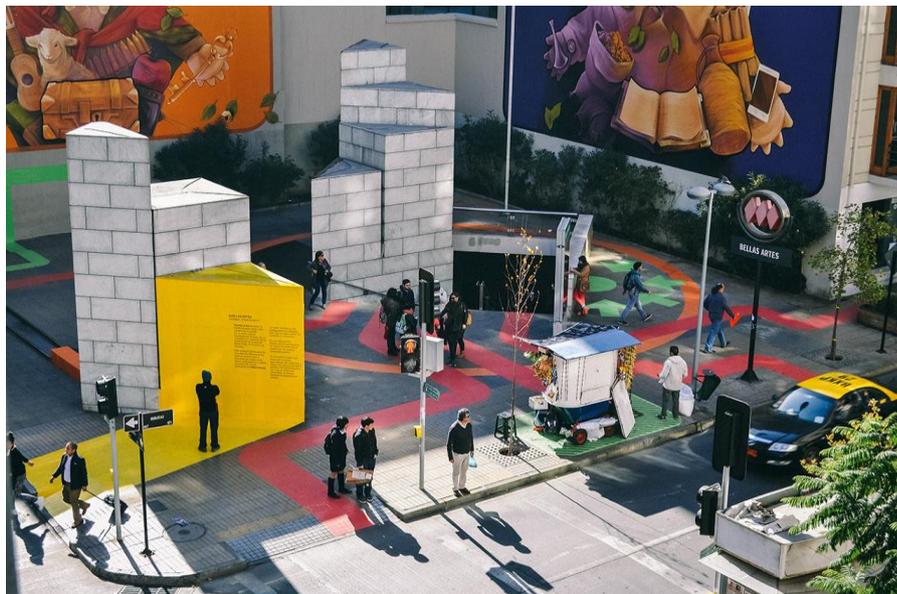
O programa proposto estabelece uma série de funções que encorajam a geração de relações sociais, através da modificação da percepção espacial pelas cores, palavras, fotografias e linhas.

Figura 48: Pessoas se apropriando do espaço



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/761017/intervencao-urbana-huellas-artes-um-toque-de-colorido-no-centro-de-santiago>. Acesso: 02/06/2017.

Figura 49: Panorama geral da intervenção



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/761017/intervencao-urbana-huellas-artes-um-toque-de-colorido-no-centro-de-santiago>. Acesso: 02/06/2017.

O material utilizado é fita adesiva revestida de polietileno em várias cores e tamanhos; sendo o único material utilizado, de maneira que sua estrutura espacial

existente não é alterada, mas sim realçada. Este material atuou como uma vestimenta, uma fantasia para as superfícies da praça existente, despertando novas possibilidades espaciais baseadas em sua determinada estrutura.

O projeto tinha um espírito efêmero, já que durou apenas três dias. Na manhã do primeiro dia o impacto foi surpreendente quando os usuários perceberam que algo havia transformado drasticamente o espaço que habitavam de maneira inconsciente. Uma imagem colorida, lúdica e renovada os convidava a experimentar o espaço desde uma perspectiva inexplorada em seus percursos habituais.

O mesmo caráter efêmero da obra incentiva o reconhecimento dos espaços urbanos como plataformas de socialização pois convida os transeuntes a viver uma experiência particular e explosiva, que fomenta uma maior atenção aos espaços que os mesmos utilizam diariamente e que são raramente experienciados além do uso cotidiano baseado no tráfego.

É um convite a descobrir os lugares nos quais geralmente acreditamos que não há nada mais.

O Laboratorio de Intervenções Temporárias da UFRJ, catalogou todas as intervenções temporárias que aconteceram na cidade do Rio de Janeiro em um site⁴⁸. Os eventos abaixo são todos retirados deste mapeamento.

Chuvaverão!

A cada edição do projeto Parede Gentil, um artista é convidado a desenvolver um trabalho especialmente para a parede externa da galeria, sendo esta a edição número 21. Para alguns projetos, colecionadores⁴⁹, são convidados a patrocinar os trabalhos. O Chuvaverão consiste na instalação de chuveiros públicos reais que convidam o participante a se refrescar durante o verão quente da cidade. Performances do grupo foram feitas no local, além de festas.

⁴⁸ Disponível: <http://intervencoestemporarias.com.br/intervencoes-temporarias-no-rio-de-janeiro/>

⁴⁹ Como Frances Reynolds, no caso do Chuvaverão.

Figura 50: Intervenção “Chuva Verão”



Fonte: <http://intervencoestemporarias.com.br/intervencoes-temporarias-no-rio-de-janeiro/>. Acesso: 13/06/2017.

Figura 51: Intervenção “Chuva Verão”



Fonte: <http://intervencoestemporarias.com.br/intervencoes-temporarias-no-rio-de-janeiro/>. Acesso: 13/06/2017.

Figura 52: Foto das pessoas participando da intervenção



Fonte: <http://intervencoestemporarias.com.br/intervencoes-temporarias-no-rio-de-janeiro/>. Acesso: 13/06/2017.

Cidade Dormitório

Do mesmo projeto Parede Gentil, no caso de Cidade Dormitório, a intervenção oferece um mobiliário urbano para quem quiser passar algum momento descansando em um dos “cômodos” dessa estrutura de ferro, com grades de madeira e chumbada à parede, com colchonetes em todos os andares.

Figura 53: Foto das pessoas participando da intervenção



Fonte: <http://intervencoestemporarias.com.br/intervencoes-temporarias-no-rio-de-janeiro/>. Acesso: 13/06/2017.

Das Tripas, Coração

Intervenções artísticas no Morro da Conceição foi o nome dado ao conjunto de 12 intervenções, realizadas no final de semana do dia 12 e 13 de Abril de 2008, selecionadas através do Edital Arte e Patrimônio, lançado em 2007. O Edital buscava selecionar projetos que trouxessem múltiplas interações entre arte, patrimônio e a comunidade local como forma de celebrar os 70 anos do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

“Das tripas, Coração” de Adrianna Eu foi uma das intervenções selecionadas pelo Edital. A instalação consistia em uma conexão, criada por uma extensão de fios vermelhos de lã, entre dois pontos em alturas diferentes: embaixo, na rua, um poste no meio da calçada; em cima, uma casa no Adro da Igreja de São Francisco da Prainha.

Na percepção de quem passava pela rua, despencava do alto do muro um feixe imenso de fios vermelhos de lã, um meio de conectar o bem preservado ao abandono cotidiano daquele trecho desprezado do tecido urbano.

Figura 54: Foto da intervenção no casario antigo do Adro

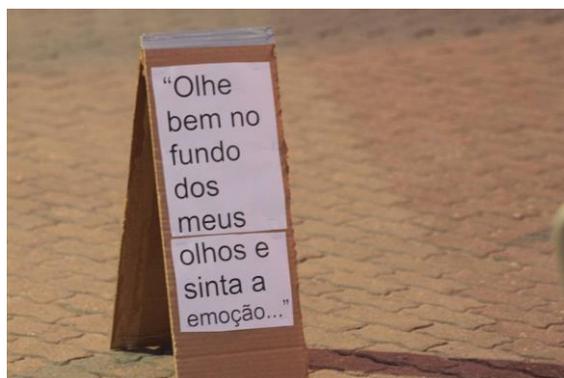


Fonte: <http://intervencoestemporarias.com.br/intervencoes-temporarias-no-rio-de-janeiro/>. Acesso: 13/06/2017.

Entre Olhares

Entre Olhares fez parte do evento mundial organizado pela The Liberators International, intitulado The World's Biggest Eye Contact Experiment.

Figura 55: Cartaz improvisado do evento



Fonte: <http://intervencoestemporarias.com.br/intervencoes-temporarias-no-rio-de-janeiro/>. Acesso: 13/06/2017.

O evento mundial envolveu mais de 160 cidades, e nas últimas duas edições o Rio de Janeiro foi uma das cidades participantes. A ideia central do experimento é questionar e reestabelecer o contato humano entre desconhecidos na sociedade contemporânea a partir do contato visual com um desconhecido por 1 minuto em um local público.

Figura 56: Pessoas participando do evento Entre Olhares



Fonte: <http://intervencoestemporarias.com.br/intervencoes-temporarias-no-rio-de-janeiro/>. Acesso: 13/06/2017.

Passarela sobre Viaduto em Jundiaí

O município de Jundiaí, no interior de São Paulo, tem relação forte com a estrada de ferro inaugurada no século XIX, da antiga Companhia Paulista. Quem passava a pé pelo Viaduto Prof. Joaquim Candelário de Freitas, que transpõe os trilhos do trem, enfrentava uma caminhada que parecia mais longa sob o sol forte e barulho dos carros.

Diante desse cenário, a intervenção urbana foi proposta com o objetivo de melhorar o percurso do pedestre que utiliza o viaduto em seu caminho. O conjunto de pórticos metálicos e o trançado de cordas se unem, formando um jogo visual dinâmico conforme o pedestre caminha entre as estruturas.

Figura 57: Imagem da passarela feita para pedestres no viado em Jundiá



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/870828/zoom-constrói-instalação-urbana-sob-viaduto-em-jundiá/5911ea8ce58ece33100004ae-zoom-constrói-instalação-urbana-sob-viaduto-em-jundiá-imagem>. Acesso: 10/05/2017

O projeto busca ressaltar o entorno no qual está inserido. A pintura de trilhos na via faz lembrar os trilhos que estão sob o viaduto, reforçando a memória do trem, e a própria vista é valorizada: de cima do viaduto se pode ver os trilhos, a cidade em volta, assistir ao pôr do sol sentado nos bancos previstos ao longo do percurso.

Figura 58: Imagem da passarela feita para pedestres no viado em Jundiá



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/870828/zoom-constrói-instalação-urbana-sob-viaduto-em-jundiá/5911ea8ce58ece33100004ae-zoom-constrói-instalação-urbana-sob-viaduto-em-jundiá-imagem>. Acesso: 10/05/2017

Outro objetivo é incentivar o uso da bicicleta: em um dos lados do viaduto foram feitos os pórticos e no outro foi proposta uma ciclofaixa. Foram instalados paraciclos

na praça que fica numa das extremidades do viaduto e ícones de bicicletas pintados no chão sinalizam que nesse local o ciclista é bem-vindo.

4. Sensibilização

Milan Kundera é um escritor tcheco, e em um de seus livros, “*A imortalidade*” (1990), escreve:

“Caminho: tira de terra sobre a qual se anda a pé. A estrada diferencia-se do caminho não só porque a percorremos de carros, mas porque é uma simples linha ligando um ponto ao outro. A estrada em si não faz nenhum sentido; só tem sentido os dois pontos ligados por ela. O caminho é uma homenagem ao espaço. Cada trecho do caminho tem um sentido próprio e nos convida a parar. A estrada é uma triunfal desvalorização do espaço, espaço que hoje em dia não é mais do que um entrave aos movimentos do homem, uma perda de tempo.

Antes mesmo de desaparecerem da paisagem, os caminhos desapareceram da alma humana: o homem não tem mais vontade de caminhar e ter prazer nisso. Sua vida também, ele não a vê mais como um caminho, mas como uma estrada: como uma linha que leva de um ponto para o outro. Do posto de capitão ao posto de general, do estado de esposa ao estado de viúva. O tempo de viver está reduzido a um simples obstáculo que é preciso ultrapassar numa velocidade cada dia maior.”⁵⁰

O objetivo de todo este estudo é a sensibilização das pessoas de forma a conectá-las intimamente ao meio em que vivem, tornando todas as estradas, em caminhos e chamando atenção para a complexidade e problemas da cidade.

A rotina contemporânea vivida pela maioria das pessoas, não é facilitadora de processos de encontro do indivíduo com ele mesmo. Vive-se um vertiginoso crescimento da intolerância, da indiferença e da violência. A criatividade é uma habilidade pouco estimulada na maioria das sociedades, já que a cultura ocidental tem a tendência - consciente e inconscientemente - de valorar o pensamento convergente acima do divergente e questionador.

Em consequência dessa equivocada crença e organização da sociedade no pensamento linear e estável, favorece a construção de trincheiras capazes de

⁵⁰ KUNDERA, Milan. *A imortalidade*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.

restringir tanto a percepção quanto a atuação de pessoa sobre si e sobre a realidade, pois o ângulo de visão tende a se alinhar com as crenças, os padrões sociais e com a cultura. Características das pessoas criativas, tais como espontaneidade, imaginação e sensibilidade, podem ser confundidas com leviandade, descomprometimento e fragilidade. No entanto, indivíduos criativos, tem maior destreza e predisposição a situações desconhecidas e complexas, tal como o mundo frequentemente se apresenta.

Se se deseja, e percebe a necessidade de criar novas realidades e ideias, afim de combater as misérias e a escassez humana em que nos encontramos, se faz necessário que cada indivíduo perceba seu poder de ação no todo. É preciso agir nas massas.

Nesse panorama, usar a cidade como suporte, se torna ferramenta essencial para o desenvolvimento humano através de ações artísticas nos espaços públicos. A arte, nessas circunstancias, atua como agente facilitador que cria condições para o diálogo entre pessoas, desenvolvendo a conscientização, ou seja, o saber sobre si mesmo e sobre a coletividade. E ainda fomenta respostas criativas através de questionamentos, ou ainda vislumbra a novos ideais mostrando novas possibilidades de existência e reavaliando limites.

A proposta dessas ações é provocar uma auto-reflexão nos espectadores, de forma que esta possibilite aos indivíduos encontrarem seus verdadeiros interesses, promover sua autonomia. Tais experiências levam a ruptura de padrões e estilos de vida e, se devidamente aproveitados podem ser valiosas para o desenvolvimento de novos patamares de consciência, conhecimento e ação, que poderão levar a caminhos inovadores.

4.1. Sensibilização pela arte

A arte tem a capacidade de comunicar diretamente com a alma, produzindo situações impactantes que podem construir ou destruir quando há energia criadora. Tais situações podem facilitar o encontro com forças internas desconhecidas do indivíduo, que contribuem para que a pessoa possa ir além do ponto aonde chegaria em situação normal. Se ainda, de alguma sorte, produzir-se desconforto ou contrariedade no espectador, isso deve ser tomado como um fator positivo, uma vez

que podem ser um impulso para um pensamento inovador. A necessidade obriga a inventividade que talvez não emergisse se a zona de conforto fosse mantida.

4.2. Como agir diretamente na vida das pessoas

A sociedade se beneficia de cada vez que um indivíduo se ajusta ao mundo, pois, independentemente de como for que olhemos para a sociedade, podemos avaliar o bem estar social e o progresso humano pela totalidade do bem de seus constituintes. É imprevisível quão longe pode chegar o efeito de um único impulso. Um estímulo mínimo realizado através da arte pode ter mais alcance, pode afetar o curso da sociedade de modo mais significativo do que mil outros estímulos tentados por outras vias. Só a arte tem a capacidade de comunicar diretamente a alma e fazer despertar a consciência interna que gera o progresso coletivo.

Não há dúvida que o ser humano se deixa modificar e influencia pelo meio em que vive. O ambiente urbano rotineiro pode - e provavelmente é - tratado com total indiferença pelas pessoas, diz respeito a uma condição humana em geral causar o desgaste – ao menos temporário - de algo ao vê-lo, ouvi-lo, lê-lo, repeti-lo ou frequenta-lo com grande frequência. Através da arte temos a possibilidade de re-significar, re-valorar e causar surpresa até mesmo de coisas que sabemos de cor.

A sociedade, assim como todas as coisas, está frequentemente em movimento e mudança. Todas as ações de todos os indivíduos colaboram para a escultura final comum que é a sociedade. Dessa maneira, todo ser humano é um criativo, ou seja, tem o poder de interferir e criar coisas a partir das consequências de qualquer ação que realiza. Dessa maneira, zelar e desenvolver o indivíduo significa contribuir para a coletividade.

As intervenções propostas pretendem autonomizar o indivíduo e requisitar-lhe a responsabilidade sobre sua própria existência, ações e poder de escolha, e é sobretudo na possibilidade do indivíduo optar que podemos obter grandes mudanças, pois optar implica juízo perante a própria consciência.

Podemos pensar na sociedade como um imenso deserto, e nas pessoas como grãos de areia. O que representa um grão de areia na imensidão de um deserto? Quase nada. Mas sem os grãos de areia não haveria o deserto. Como seres humanos, somos reflexo de nossos pensamentos interiores, as nossas ações - materialização de nossas ideias – nós constituem como o ser que somos, somos o nosso próprio

produto. As dunas, assim como o raciocínio, são modeláveis, desenvolvidas, reconstruídas. As intervenções propostas, assim como bons ventos que sopram da base para o topo, pretende movimentar cada um dos grãos de areia, levá-los para o alto, em direção a luz do sol. O caminho de ascensão é individual, cada um comporta sua subjetividade e suas crenças, é e exatamente na diferença entre as partes que reside a pluralidade que faz o coletivo avançar. As intervenções são enfim, a força externa que ascende o interior e modifica a forma final de como uma coisa é.

Em toda a experiência gerada para as pessoas através das intervenções, estão contidas não só as ideias e intenções artísticas ali pretendidas, mas conteúdo final - e a parte que o expectador absorve e toma para si - está também vinculado a todo o seu repertório do próprio expectador anterior ao encontro. Então o real conteúdo final é uma soma do que é proposto, mais todo o conteúdo individual de cada pessoa.

Conclusão

A pesquisa para a realização deste trabalho foi feita principalmente através de endereços eletrônicos, e embasada nos livros de Jan Gehl “Cidade para pessoas” e da Adriana Sansão, “Intervenções temporárias, Marcas permanentes”, assim como em palestras disponíveis gratuitamente na internet. A partir do conhecimento adquirido através destes meios e sobre a minha observação das diversas cidades que pude conhecer durante o intercambio estudantil, desenvolvi uma linha de pensamento embasada na relação das pessoas com as cidades.

Os estudos de casos muito variados de diversas cidades do mundo foram importantes para enriquecer o repertorio de pesquisa e poder entender melhor sobre o assunto.

Foi uma pesquisa enriquecedora, e dará um suporte teórico importante para a próxima etapa, além de ter aberto as portas da imaginação para várias abordagens diferentes que podem ser feitas na cidade.

Esta pesquisa se mostrou um convite a descobrir os lugares nos quais geralmente acreditamos que não há nada mais.

Foi muito interessante usar a cidade como suporte para se obter uma reação ativa da sociedade, pois como já sabemos, o ser humano e o meio em que vivem estão num constante processo de modelagem mutua. Desta maneira, utilizar a arte como desencadeadora dessas transformações deixa o processo menos maçante e mais lúdico e poetizador, despertando níveis de consciência variados.

Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CORREA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

DEMPSEY, Amy. **Estilos, Escolas & Movimentos: Guia enciclopédico da Arte Moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

FONTES, Adriana Sansão. **Intervenções temporárias, marcas permanentes: apropriações, arte e festa na cidade contemporânea**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Faperj, 2013.

FRACALOSSI, Igor. **Questões de Percepção: Fenomenologia da arquitetura / Steven Holl**. Disponível em:

<http://www.archdaily.com.br/br/01-18907/questoes-de-percepcao-fenomenologia-da-arquitetura-steven-holl>. Acesso: 26/05/2017

FURLAN, Annie Simões R.; Reinaldo. **Arte, linguagem e expressão na filosofia de Merleau-Ponty**. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202005000100003. Acesso: 26/05/2017

GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

KUNDERA, Milan. **A imortalidade**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.

LIMA; KURPEL, Andrea de Alvarenga; Jean Carlo. **Reflexões sobre a afinidade de Jung com a fenomenologia**. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000100003. Acesso: 26/05/2017

LEFEFBRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/95564564/Henri-Lefebvre-A-revolucao-urbana-Cap1>. Acesso:25/03/2017

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Intervenções Urbanas: Arte/Cidade**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2002.

SENO, Ethel [Ed.]. **Tresspass: História da Arte Urbana não encomendada**. Colônia: Taschen, 2010.

SKYES, A. Krista [org.]. **O campo ampliado da arquitetura: Antologia teórica 1993 – 2009**. São Paulo: Cosac Naifay, 2013.